



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA**

SIMONE DE BEAUVOIR: LITERATURA, FEMINISMO E FORMAÇÃO DOCENTE

ALANA ACSA MAGALHÃES DE BRITO MENDES

Rio Branco | Acre | Brasil

2025

ALANA ACSA MAGALHÃES DE BRITO MENDES

SIMONE DE BEAUVOIR: LITERATURA, FEMINISMO E FORMAÇÃO DOCENTE

Texto apresentado ao programa de pós-graduação mestrado profissional em filosofia PROF-FILO da Universidade Federal do Acre, como requisito parcial para a obtenção de título de mestra em filosofia.

Linha de pesquisa 2: Práticas de ensino de filosofia.

Projeto 2.3: Artes e o ensino de filosofia.

Projeto 2.5: Ensino de filosofia, gênero, feminismos e decolonialidade.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Juliana Oliveira Missaggia.

Mestranda: Alana Acsa Magalhães de Brito Mendes.

Rio Branco | Acre | Brasil

2025

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

M538s Mendes, Alana Acsa Magalhães de Brito, 1994 -
Simone de Beauvoir: literatura, feminismo e formação docente / Alana Acsa
Magalhães de Brito Mendes; Orientadora: Prof.^a Dr.^a Juliana Oliveira Missaggia
– 2025.
86 f.: il.; 30 cm.

Inclui apêndice.

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em
Filosofia PROF-FILO da Universidade Federal do Acre, como requisito parcial
para a obtenção de título de mestra em filosofia.

1. Formação de docente. 2. Experiência vivida. 3. Alteridade. 4. Simone de
Beauvoir. I. Missaggia, Juliana Oliveira (Orientadora). II. Título.

CDD: 370.71

A Aldeniza e Ana Cássia

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe Aldeniza, por ser a minha principal referência de ser humano, e por me mostrar a cada dia que merecemos ocupar os melhores lugares, e que podemos superar as adversidades e conquistar nossos objetivos, não importa quanto tempo passe.

Ao meu pai João Batista, que sempre me mostrou o valor dos estudos e nunca deixou de acreditar no meu potencial enquanto estudante e enquanto professora.

À minha irmã, Ana Cássia, que sempre esteve comigo em todos os bons e maus momentos, torcendo, me apoiando e sendo exemplo de perseverança.

Ao meu marido Thalisson Mendes, que sempre me apoiou, incentivou e caminhou lado a lado comigo na minha jornada acadêmica e por ser meu apoio e suporte na vida.

À minha orientadora Profa. Dra. Juliana Missaggia, por me motivar nos momentos de angústia, por me conduzir nesse processo com tanta cautela, cuidado e afeto. Além disso, sou grata pela sua contribuição ao longo da disciplina Filosofia na Sala de Aula, que nos deu o caminho para a construção do produto educacional.

Aos meus queridos professores, em especial os professores Dr. João Lima, Dr. Manoel Coracy e Dr. Felipe Durante, que mesmo na conclusão de suas disciplinas, se mantiveram presentes incentivando nosso trabalho e trazendo grandes ensinamentos dentro e fora da sala de aula.

Agradeço, por fim, o apoio de minha escola Colégio Militar Dom Pedro II-RB e às minhas gestoras nessa instituição em especial as coordenadoras Roseli Costa e Flávia Fernandes, por entenderem a importância da formação de professores, e me apoiarem ao longo de todo esse processo facilitando meu trabalho e pesquisa.

“Lembro-me das regras, regras que nunca eram explicadas em detalhes, mas que toda mulher conhecia”.

- Margaret Atwood, O conto da aia

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar criticamente o ensino de filosofia e a formação de professores e professoras do ensino médio a partir de uma ótica feminista, isto será feito mediante a leitura de obras teóricas como *O segundo sexo* e *Literatura e metafísica*, além de textos literários, como os contos presentes na obra *A mulher desiludida*, todas escritas por Simone de Beauvoir. Analisaremos nesses textos os conceitos de experiência vivida, situação e alteridade. Será examinado e avaliado o papel da mulher que exerce a profissão docente em filosofia e as disparidades de gênero identificadas no exercício dessa função. Além disso, pretendemos refletir sobre o conceito de autoformação proposto por Alejandro Cerletti em seu texto *O ensino de filosofia como problema filosófico*, para compreendermos essa etapa do processo formativo de professores e professoras. A pesquisa procura estabelecer uma relação entre o pensamento beauvoiriano e a experiência docente a partir da análise de trabalhos que visam a compreensão das disparidades de gênero no que se refere ao reconhecimento e às oportunidades de mulheres na filosofia, observando isso como fator importante quando se pensa a presença de mulheres estudadas e lidas na filosofia ao longo do processo formativo. Esta dissertação também propõe um manual didático, elaborado de modo a auxiliar professores e professoras a introduzir o pensamento feminista nas aulas de filosofia do ensino médio. O material produzido utiliza o pensamento de Simone de Beauvoir para problematizar a condição da mulher, apresentando alguns de seus conceitos mais importantes.

Palavras-chave: Formação docente. Experiência vivida. Alteridade. Situação. Simone de Beauvoir.

Abstract:

This work aims to critically analyze the teaching of philosophy and the training of high school teachers from a feminist perspective. This will be done through the reading of theoretical works such as *The Second Sex* and *Literature and Metaphysics*, as well as literary texts, such as the short stories in *The Woman Destroyed*, all written by Simone de Beauvoir. In these texts, we will analyze the concepts of lived experience, situation, and otherness. The role of women who work as philosophy teachers and the gender disparities identified in the exercise of this function will be examined and evaluated. In addition, we intend to reflect on the concept of self-formation proposed by Alejandro Cerletti in his text *The Teaching of Philosophy as a Philosophical Problem*, in order to understand this stage of the training process for teachers. The research seeks to establish a relationship between Beauvoir's thought and teaching experience, based on the analysis of works that aim to understand gender disparities in terms of the recognition and opportunities for women in philosophy, observing this as an important factor when considering the presence of women studied and read in philosophy throughout the training process. This dissertation also proposes a teaching manual, designed to help teachers introduce feminist thought into high school philosophy classes. The material produced uses Simone de Beauvoir's thought to problematize the condition of women, presenting some of her most important concepts.

Keywords: Teacher training. Lived experience. Otherness. Situation. Simone de Beauvoir.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. 1º SEÇÃO: ALTERIDADE, SITUAÇÃO E EXPERIÊNCIA VIVIDA NA LITERATURA BEAUVOIRIANA: <i>CONSIDERAÇÕES SOBRE A MULHER DESILUDIDA</i>	18
2.1 Reflexões sobre a relação entre literatura e filosofia.....	18
2.2 O romance metafísico.....	22
2.3 Contos beauvoirianos em <i>A mulher desiludida</i> : A idade da discricção.....	25
2.4 Monólogo.....	28
2.5 A mulher desiludida.....	31
2.6 Situação, experiência vivida e alteridade.....	36
3. 2º SEÇÃO: FORMAÇÃO DOCENTE: AUTOFORMAÇÃO COMO EXERCÍCIO DIDÁTICO-FILOSÓFICO, BREVES REFLEXÕES À LUZ DA FILOSOFIA BEAUVOIRIANA.....	40
3.1 Disparidade de gênero na filosofia.....	42
3.2 (Auto)Formação no magistério filosófico.....	46
3.3 Alteridade: o um e o outro e a noção de disparidade de gênero.....	54
3.4 Disparidade de gênero e a formação no magistério filosófico.....	63
4. 3º SEÇÃO: PRODUTO EDUCACIONAL.....	65
4.1 Da proposta de produto educacional.....	65
4.2 Da confecção do produto educacional.....	67
4.3 Descobrimdo-se mulher.....	68
Conclusão.....	71
Referências.....	76
Apêndice.....	81

1. INTRODUÇÃO

Ao analisarmos a trajetória do ensino de filosofia no Brasil, percebemos as idas e vindas da obrigatoriedade de sua implementação nas escolas a partir da legislação educacional e em suas alterações. O professor Franklin Leopoldo e Silva, em seu texto *Porque filosofia no segundo grau*, aprofunda essa discussão, questionando o caráter utilitário atribuído à filosofia enquanto disciplina e defendendo a importância de sua inserção na segunda etapa do ensino básico. Segundo o autor:

Quando o aluno chega ao Segundo Grau, ele em geral está numa faixa etária em que se colocam de forma crítica questões relacionadas à formação, isto porque o aluno, em geral, se encontra num estágio de tomada de consciência de si próprio como indivíduo (Silva, 1992, p. 158).

É comum que se busquem justificativas para a necessidade da obrigatoriedade do ensino de filosofia; no que tange essa questão, afirma-se frequentemente que a filosofia é necessária à formação cidadã e crítica dos alunos. Ousamos nesse trabalho acrescentar que a reflexão filosófica no nível básico pode contribuir para uma formação que parte, a princípio, de dentro para fora, ou seja, o centro deve ser o indivíduo, pois é ele que compõe a sociedade e é dele que partem as ações que o tornam cidadão. Nesse sentido, concordo com Beauvoir quando afirma: “Todo sujeito coloca-se concretamente através de projetos como uma transcendência; só alcança a liberdade pela sua constante superação em vista de outras liberdades” (Beauvoir, 2019, p. 26). Nesse trecho, retirado da introdução de *O Segundo Sexo*, a autora evidencia que toda existência sempre estará em relação com outra.

Para que possamos confirmar nossa hipótese, de que a reflexão filosófica contribui para a formação do indivíduo como um todo, pretendemos nesta pesquisa analisar alguns conceitos centrais da filosofia beauvoiriana, tais como experiência vivida, alteridade e situação, os quais também são expressos em seus textos literários. Buscaremos com isso expandir as possibilidades de se trabalhar os conceitos não apenas com aulas expositivas centradas em filósofos(as) tidos como canônicos, mas em leituras, análises e vivências que nos possibilitem ver no cotidiano o uso e aplicabilidade dos conceitos. Adotaremos a perspectiva de nossa filósofa existencialista, diferenciando a escrita filosófica da escrita literária, porém sem

desconsiderar a importância de ambas. Em seu texto *Literatura e metafísica*, ela afirma:

Enquanto o filósofo, o ensaísta, comunicam ao leitor uma reconstrução intelectual da sua experiência, é essa própria experiência, tal como se apresenta antes de qualquer elucidação, que o romancista pretende reconstituir num plano imaginário (Beauvoir, 1967, p. 80-81).

Neste sentido, este trabalho busca pensar a filosofia não somente no caráter da formação curricular, mas também uma filosofia para a existência, para a reflexão introspectiva. Usaremos como base teórica o pensamento de Simone de Beauvoir, escritora e filósofa existencialista, que propõe o uso do que chama de literatura metafísica, como uma forma de descrição mais fidedigna da realidade¹. Também buscaremos com essa pesquisa compreender os conceitos de experiência vivida, alteridade e situação, bem como sua aplicabilidade, para que possamos a partir disso analisar a perspectiva de mulheres que exercem a profissão docente em filosofia. Por fim, apresentamos um manual elaborado de modo a auxiliar professores e professoras a introduzirem o pensamento feminista nas aulas de filosofia do ensino médio. O material produzido utiliza o pensamento de Simone de Beauvoir para problematizar a condição da mulher, apresentando alguns de seus conceitos mais importantes.

Para atingirmos nosso principal objetivo buscaremos desenvolver as etapas a seguir: 1) ler e analisar obras teóricas e literárias de Simone de Beauvoir; 2) refletir sobre a relação entre literatura e filosofia; 3) relacionar o pensamento beauvoiriano com a experiência docente através dos conceitos de experiência vivida, situação e alteridade, levando em consideração a perspectiva da mulher que exerce a profissão docente em filosofia; 4) analisar a noção de disparidade de gênero pensando a baixa presença de filósofas como objeto de pesquisa, refletindo essa questão a partir do conceito de alteridade; 5) Discutir a perspectiva da autoformação proposta por Alejandro Cerletti, para a compreendermos como uma das etapas do processo formativo de professores e professoras; 6) produzir um manual que busque explicar de forma narrativa as questões de gênero na filosofia de Beauvoir, de modo a auxiliar

¹ A metafísica, para os existencialistas, não pode ser compreendida em seu sentido clássico. É comum que se atribua aos estudos metafísicos a ideia de algo para além do mundo físico. Na contramão disso, os autores existencialistas tratam a metafísica como algo que pode ser compreendido no seio da experiência vivida no cotidiano. Questões como amor, ódio, desprezo etc. são metafísicas, e não essa o descoladas da nossa realidade concreta.

professores e professoras a introduzirem o pensamento feminista nas aulas de filosofia do ensino médio.

Na etapa de leitura e análise, nos valeremos do ensaio teórico intitulado *Literatura e metafísica* e da obra *O segundo Sexo*, dando especial atenção ao primeiro volume da última. Também utilizaremos textos literários, como os contos presentes no livro *A mulher desiludida*. Utilizaremos também textos de comentadoras e estudiosas de Simone de Beauvoir, a exemplo de Josiana Barbosa de Andrade, Thana Mara de Souza e Heci Regina Candiani. Além das comentadoras de Beauvoir, temos como aporte teórico o texto de Alejandro Cerletti intitulada *O ensino de filosofia como problema filosófico*, do qual daremos especial atenção ao capítulo V, que trata da formação docente. Utilizaremos ainda o artigo *Uma interrogação acerca da relação entre a filosofia e as mulheres na universidade*, escrito pelos professores Megue Andrade e Pedro Gontijo, para pensarmos a disparidade de gênero. Acreditamos que a leitura e análise das obras propostas irão possibilitar a compreensão do problema a ser investigado, apontando possíveis caminhos.

Ao percorrer essa trajetória, buscaremos refletir sobre as contribuições da filosofia como um ensino que vise a formação do aluno para a compreensão da dimensão existencial e das implicações dessa nos diversos âmbitos em que pode ser vivenciada. Simone de Beauvoir apresenta como um de seus conceitos centrais a noção de *experiência vivida*, que nos remete a um olhar para a vivência cotidiana visando a compreensão das implicações das experiências em nossas ações e escolhas². Em seus textos literários, percebemos uma predominância da percepção da personagem sobre a sua própria situação e em que isso influencia suas tomadas de decisão. Tais reflexões podem ser observadas em passagens similares a esta, extraídas do conto *Idade da discricção*: “O mundo se constrói sob meus olhos num eterno presente. Habituo-me tão depressa aos seus aspectos que ele não parece mudar” (Beauvoir, 2014, p. 10). Essa forma de ver a personagem é um reflexo da maneira como a filósofa realiza suas análises ao pensar o que é ser mulher, assim como as dimensões da vida por ela experienciadas.

² A experiência vivida, conceito caro ao pensamento beauvoiriano, diz respeito às experiências vivenciadas por um indivíduo em alguma situação específica. Por exemplo, as experiências vividas por uma mulher que é professora dependem dessa “demarcação” ou situação, no caso mulher e professora. Tais experiências não são vividas igualmente por um homem professor.

A formação docente em filosofia pensada pela ótica da mulher que exerce a profissão docente nesse componente curricular é algo pouco discutido no Estado do Acre, assim como é pouco discutido também o lugar das mulheres na filosofia enquanto pensadoras. Da mesma forma, são frequentemente deixadas de lado as questões de gênero. No entanto, tal análise se mostra de grande importância quando percebemos essa área do conhecimento ser cada dia mais desvalorizada e descredibilizada, a começar por uma carga horária pífia que inviabiliza a possibilidade de abordagens e discussões mais abrangentes, tornando difícil a continuidade do processo de ensino e aprendizagem. Outro problema que podemos mencionar está relacionado com a formação de professores, que, como veremos ao longo desse trabalho, não contempla filosofias africanas, indígenas e, sobretudo, feministas. Isso, por sua vez, torna-se uma dificuldade quando os professores e professoras vão para a prática docente, deparando-se com a necessidade de desenvolver esse tipo de pesquisa e ensino.

Um exemplo do que mencionamos acima, no que se refere à ausência de mulheres como pensadoras que devem ser estudadas, é o fato de que apenas em 2021 com o Plano Curricular³ elaborado pela SEE/AC e implementado desde então é que temos inseridos conteúdos como *Feminismo e filosofia e gênero e política*, os quais permitem ampliar as discussões trazendo autoras, conceitos e debates em torno dessa temática. Consideramos esse um avanço, porém, tais conteúdos aparecem apenas no 2º ano do ensino médio, e cremos ser possível inserir tais discussões desde o início dos estudos em filosofia⁴. Anterior a esse plano curricular, nas Orientações Curriculares⁵ para o ensino médio do Acre, de 2010, há no conteúdo “Problematização do que é a atitude filosófica” uma menção ao uso de exemplos fornecidos por Marilena Chauí na contribuição da compreensão do que seria a atitude filosófica. Além dessa autora, porém não há nenhuma menção a filósofas como Edith Stein, Hannah Arendt ou Simone de Beauvoir nos conteúdos propostos, mesmo sendo elas pensadoras relativamente mais lidas e pesquisadas filosoficamente. No ano de

³ ACRE. *Plano Curricular 2010-2020*. Rio Branco: Secretaria de Educação Cultura e Esportes: 2010.

⁴ É necessário também que o ou a docente, esteja aberto a pensar outras possibilidades de ensinar filosofia. Se trabalhada a partir de temas, é possível, por exemplo, discutir em ética o feminicídio e a cultura do estupro como um problema ético e cultural, ou, no lugar disso, trazer para a discussão textos de filósofas que contribuíram para as pesquisas em ética, a exemplo de Carol Gilligan e a noção de ética do cuidado.

⁵ ACRE. *Orientações Curriculares 2021-*. Rio Branco: Secretaria de Educação Cultura e Esportes: 2021.

2024, o Novíssimo Ensino Médio⁶ trouxe mais mudanças, dessa vez a disciplina de filosofia volta a ser obrigatória nos três anos do ensino médio, e houve uma redistribuição dos conteúdos, ao que destacaremos alguns que nos dão mais oportunidades de trabalhar questões de gênero ou filósofas no ensino médio.

Esse plano curricular⁷ amplia ainda mais a gama de conteúdos voltados à questão de gênero. No primeiro ano temos um conteúdo chamado *Cultura, alteridade e o etnocentrismo*, a partir do qual é possível trabalhar o conceito de alteridade desenvolvido por Beauvoir. Ainda no primeiro ano, observamos o conteúdo *Relações de produção e reprodução da vida*, no qual é possível discutir o papel da mulher no ordenamento social, por exemplo. No conteúdo *Existencialismo e a condição humana* podemos sair um pouco da hegemonia sartreana e trazer Beauvoir junto a ele, ou mesmo substituí-lo. No segundo ano do ensino médio aparecem temas como *Direitos civis e políticos*, que permite debater a presença das mulheres na política e o direito ao voto. Com *As desigualdades de gênero na filosofia e no mundo do trabalho*, temos uma boa oportunidade de apresentar filosofias feministas e a questão da disparidade de gênero. *A exploração, a discriminação racial, a xenofobia e a misoginia no mundo do trabalho, no Brasil e no Acre* é mais um conteúdo que nos permite discutir as questões de gênero no trabalho. No terceiro ano do ensino médio o novo plano curricular propõe os conteúdos: *Ética, alteridade e solidariedade*, e novamente o conceito de alteridade beauvoiriano pode ser trabalhado; *A violência simbólica e a violência física: causas e consequências*, a partir do qual se pode problematizar os tipos de violência praticadas contra as mulheres, bem como em *A política e as questões de gênero*. Estes são os conteúdos que aparecem no novo plano curricular para o ensino médio, e observamos nele um grande avanço na direção da construção de uma educação filosófica mais plural e com mais possibilidades de discussões em torno da questão de gênero, bem como de haver uma maior presença de filósofas nessa etapa de ensino.

Nesse sentido, nosso trabalho se apresenta como uma crítica à maneira que a disciplina de filosofia é abordada nas escolas, analisando os avanços possíveis e demonstrando com base teórica a relevância e as contribuições desse componente

⁶ Novíssimo Ensino Médio, é a forma com que a Secretaria de Educação e Esportes do Acre convencionou chamar o ensino médio após esta nova reforma.

⁷ ACRE. *Quadro organizador de ciências humanas e sociais aplicadas 2024-*. Rio Branco: Secretaria de Educação Cultura e Esportes: 2024.

curricular para as discussões didático-pedagógicas voltadas para as reflexões sobre gênero, as disparidades e caminhos possíveis de sua superação. Acreditamos que uma filosofia que aborde, discuta e promova o debate em torno desses temas contribui ainda mais para a formação de indivíduos críticos, reflexivos e autoconscientes. Neste trabalho, partiremos sobretudo de uma perspectiva em específico, a da mulher que exerce a profissão docente em filosofia, buscando compreender como se dá o processo formativo de professores e professoras, e assim analisando seu impacto na prática educacional. Além disso, é nosso intuito desenvolver uma investigação do uso da literatura e/ou narrativas como ferramenta de ensino, pois, para a filósofa, a literatura consegue captar as contradições da vida humana, o que pode nos ajudar a compreender a aplicabilidade dos conceitos, uma vez que ensaios teóricos por vezes dificultam a compreensão e a assimilação das ideias propostas pelos autores, especialmente nesse caso, em que os leitores são adolescentes.

A literatura pode nos aproximar da filosofia e nos auxiliar em sua compreensão, pois instiga a curiosidade, a capacidade imaginativa, criativa e questionadora. Neste sentido, é possível que um romance filosófico, ou mesmo um conto filosófico, instigue os alunos ainda mais do que um ensaio, uma obra teórica ou um tratado. Ao analisar o que caracteriza um romance beauvoiriano, Andrade afirma que: “[...] um romance beauvoiriano não é uma aplicação ou demonstração de teorias, princípios ou conceitos filosóficos, mas a expressão da própria realidade vivida, com suas contradições e ambiguidades” (Andrade, 2021 p. 498). Compreendendo um romance dessa maneira, acreditamos haver a possibilidade de uma maior abertura a temas que podem ser vistos como controversos, ou que não teriam espaço em tratados filosóficos que se propõe a ser mais lógicos, sistemáticos e sem espaço para as contradições inerentes às contingências humanas.

Uma ideia semelhante também aparece em Simone de Beauvoir no seu célebre *O segundo sexo*, no qual ela nomeia a segunda parte de seu livro de “*Experiência vivida*”, o que nos leva a pensar que o intuito da filósofa é compreender a vivência e as implicações do que é ser mulher. Aqui, nosso objetivo não difere tanto da intenção da autora, porém, nosso foco é mais específico, pois buscamos analisar as implicações do que é ser professora de filosofia. Escolhemos Simone de Beauvoir porque notamos em seus escritos a busca por uma (re)conciliação da filosofia como modo de vida e, além disso, a autora fornece ricas reflexões sobre as várias

dimensões da vida de uma mulher, partindo de análises profundamente filosóficas e rebatendo algumas críticas e/ou comentários realizados por alguns intelectuais no que se refere à definição do que é a mulher. Tais reflexões nos auxiliarão a interpretar a realidade que buscamos observar nesse trabalho.

Outro aspecto significativo é que a autora parte de um olhar que vai da parte para o todo,⁸ mas sem desconsiderar as múltiplas facetas que uma existência possa ter. As angústias e dores metafísicas são vivenciadas e não podem ser negadas.

E nesse contexto, ao fazer as suas autoanálises, ela dividia a sua vida em três partes: o metafísico, o intelectual e o sentimental, de modo que nos é possível dizer que, Simone de Beauvoir, ao defender uma dimensão metafísica da existência, em seus ensaios da década de 1940, estava a reafirmar uma de suas ideias da juventude, cuja fonte fora sua própria experiência vivida (Andrade, 2021 p. 501).

Buscaremos pensar a formação de professores e professoras a partir de uma ótica feminista, mas sem deixar de dialogar com outros autores que podem contribuir para a discussão, a exemplo de teóricos como Alejandro Cerletti, Pedro Gontijo e Megue Andrade. Iniciaremos nossas reflexões na primeira seção, apresentando os conceitos presentes na filosofia beauvoiriana que consideramos a base para nossa reflexão, sendo esses os conceitos de *alteridade*, *experiência vivida* e *situação*. Para compreendermos esses conceitos, dialogaremos com o trabalho da professora Heci Regina Candiani, a partir de sua tese de doutorado intitulada *A tessitura da situação: a trama das opressões na obra de Simone de Beauvoir*. Ainda nesta seção do trabalho, analisaremos alguns textos literários da autora a fim de compreender de que forma ela aplica os conceitos mencionados. Vamos também nos valer nesse momento da obra *Literatura e metafísica*, de Beauvoir, e *Sartre e a literatura engajada: espelho crítico e consciência infeliz*, de Thana Mara de Souza, para explorar e compreender a importante relação entre literatura e filosofia.

Na segunda seção buscaremos compreender o processo formativo dos professores e professoras de filosofia, recorrendo a dados que nos ajudem a analisar a disparidade de gênero na academia, e em como isso se reflete na formação de professores e professoras de filosofia, impactando por consequência no “como” ela é ensinada. Relacionaremos tais problemáticas com o conceito de alteridade

⁸ A autora faz isso por meio de uma análise que permita compreender os fenômenos sociais e políticos e as suas implicações para as individualidades femininas.

desenvolvido por Beauvoir para a compreensão dessa questão⁹. Além de discutirmos a noção de disparidade de gênero, abordaremos o conceito de autoformação apresentado por Cerletti em sua obra intitulada *O ensino de filosofia como problema filosófico*.

Buscaremos ao fim de nosso trabalho, na terceira seção, conciliar nossas reflexões e análises com uma proposta de produto educacional que possa ser utilizada por professores e professoras, visando contribuir com a discussão no que se refere às questões de gênero no âmbito da educação básica. O produto educacional consiste em um manual escrito de forma narrativa, com o intuito de tornar a compreensão dos conceitos e temas presentes na filosofia beauvoiriana mais acessíveis ao público do ensino médio, além de ser uma forma de explorar a escrita literária como aplicação de conceitos da autora estudada. Para concluir, pretende-se relacionar as questões trabalhadas ao longo desta pesquisa enfatizando a importância de uma formação de professores que contemple a diversidade e a paridade de gênero, e demonstre a relevância da relação entre literatura e filosofia no processo de autoformação.

Com essa investigação que tem como fio condutor os conceitos desenvolvidos por nossa autora, relacionando-os com a formação de professores e professoras, podemos também pensar no ensino de filosofia numa perspectiva feminista, e com isso acreditamos contribuir para o debate sobre as questões de gênero tanto no ensino básico (prática docente e ensino de filosofia) quanto no ensino superior (pensando a formação docente). A partir da leitura e análise das informações e conceitos propostos, e da apresentação de nosso produto educacional, buscaremos desenvolver sugestões e/ou soluções para as questões mapeadas, propondo possibilidades para pensar a formação de professores e professoras.

⁹ Escolhemos esses caminhos pois julgamos necessário conhecer os conceitos de alteridade, experiência vivida e situação para a posterior compreensão do que vem a ser a disparidade de gênero. Beauvoir utiliza o conceito de alteridade para nos conduzir na compreensão das razões que levaram a essa forma de tratar e pensar a mulher. Certamente não podemos afirmar categoricamente que alteridade e disparidade de gênero são a mesma coisa (a autora, inclusive sequer usa esse último termo). Contudo, em nossa análise, um conceito ajuda a compreender o outro. Vale reafirmar que a nossa principal intenção é nos guiarmos pela perspectiva beauvoiriana, sendo ela nossa principal chave de interpretação. Os demais autores utilizados servem de aporte teórico e nos auxiliam a fundamentar nossa linha de interpretação.

2. 1º SEÇÃO: ALTERIDADE, SITUAÇÃO E EXPERIÊNCIA VIVIDA NA LITERATURA BEAUVOIRIANA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A *MULHER DESILUDIDA*

2.1 Reflexões sobre a relação entre literatura e filosofia

Este tópico do trabalho se propõe a uma reflexão inicial a respeito da relação entre literatura e filosofia e seus possíveis desdobramentos, partindo principalmente das análises e reflexões obtidas a partir da leitura de alguns textos e novelas da autora e filósofa existencialista Simone de Beauvoir, assim como de sua obra intitulada *Literatura e metafísica*. Buscaremos também compreender os conceitos de *alteridade*, *experiência vivida* e *situação* no interior da obra literária *A mulher desiludida*, bem como apresentar brevemente alguns aspectos da relação entre literatura e filosofia no pensamento sartreano que convergem com os apontamentos de Beauvoir sobre este tema.

Para iniciarmos esse diálogo, é importante pontuar algumas questões. Uma delas é pensar a influência que um romance, novela ou conto pode ter para nós na construção de nosso imaginário e até mesmo na nossa formação de caráter, postura e decisões. O gosto literário, inclusive, diz muito sobre um indivíduo. Beauvoir em seus textos, do mesmo modo que alguns comentadores em seus artigos, conforme veremos, apontam para a necessidade de retomar o pensamento filosófico enquanto um modo de vida. Direta ou indiretamente, também temos a tendência a agir dessa forma quando pensamos a influência que os livros têm em nós quando ajudam a pensar nossa existência e o meio em que vivemos. Outra questão que consideramos importante ressaltar é pensar na conexão existente entre os textos de filosofia e os textos literários, não apenas fazendo uma literatura filosófica, mas tornando a literatura uma espécie de área ou ferramenta importante da filosofia. Em nosso entendimento, é isso que Beauvoir faz em seus textos literários.

Na introdução do texto *Literature and metaphysics*, Margaret A. Simons aponta que Beauvoir defende o que chama de romance metafísico, que seria uma espécie de reconciliação da filosofia com a literatura, sendo a filosofia uma profunda demanda da mente (SIMONS, 2004). Ao percorrermos esse caminho, percebemos que, na realidade, a filosofia, entendida na perspectiva beauvoiriana, contempla não apenas a literatura e a escrita filosófica, pois há um todo que precisa ser compreendido. Feminismo, literatura, existência, e política, estão sempre de alguma maneira

presentes em seus escritos, sejam eles ensaios filosóficos, contos, novelas ou romances. Nesse sentido, podemos perceber a presença, por vezes direta, outras indireta, de alguns de seus conceitos ao longo de textos literários, não apenas como forma de ilustrar a aplicabilidade do conceito, mas como um meio de apresentá-lo, tornando a escrita literária um convite ao estudo e à investigação filosófica.

Beauvoir, ao lado de Sartre, é um dos nomes de maior relevância no existencialismo, o qual, por sua vez, esteve em destaque ou até na “moda” nos idos do século XX. Para pensar o existencialismo, uma vez que se trata de uma perspectiva filosófica que busca contemplar a totalidade do ser humano, é necessário refletir as ambiguidades inerentes a ele. Assim como nossa autora, Sartre também escreveu obras literárias e textos que nos auxiliam a compreender o que é a literatura e qual a sua relação com a filosofia. Recorreremos aqui à introdução da obra *Sartre e a literatura engajada: espelho crítico e consciência infeliz*, da professora Thana Mara de Souza. Esse estudo nos traz algumas reflexões que ajudam a entender a relação de Sartre com a literatura e, como veremos, demonstra que em alguns momentos a visão sartreana de literatura converge com a de Beauvoir.

A literatura pode ser considerada uma forma de arte e, neste sentido, há algumas características da obra de arte que se estendem a ela. Assim como obras de arte como pintura, escultura, ou até mesmo a música, a literatura se destaca por seu caráter inventivo e imaginário, podendo ser usada de modo a criar vidas, cidades, personalidades humanas e assim por diante. Segundo a professora Thana Mara de Souza, a filosofia em Sartre tem a função de descrever a realidade humana e busca também criar conceitos que ajudem a compreender o ser humano. De acordo com ela, para o autor a filosofia

[...] se propõe a descrever e não explicar a realidade humana, que se propõe a mergulhar na história e ver na própria historicidade o universal, que pretende compreender o homem. E para essa filosofia a arte não pode ser esquecida ou menosprezada, já que esta também busca a compreensão do ser humano (Souza, 2008 p. 18).

Observamos nessa passagem as razões que levam o autor a defender a relação entre a arte e a filosofia, mas não vemos ainda de maneira explícita a menção à literatura, especialmente à prosa, a qual, segundo Thana, Sartre considera a maior expressão do retrato da realidade humana. Conforme afirma a autora: “Mas se a arte é compreensão e retrato da realidade humana como paixão inútil, a *prosa* o é em grau máximo” (Souza, 2008, p. 20). Existe, desse modo, uma relação de proximidade entre

a arte – a literatura em específico – e a filosofia, apesar de haver também diferenças entre elas. A filosofia descreveria a realidade conceitualmente, já a arte o faz de modo imediato e sem temer ambiguidades. Porém, a literatura não é capaz de descrever conceitualmente, coisa que a filosofia faz. A comentadora do filósofo existencialista afirma: “Ambas são insuficientes (nenhuma é capaz de retratar e conceitualizar ao mesmo tempo), mas é essa “insuficiência” que lhes dá sua especificidade e importância” (Souza, 2008, p. 18). Essa insuficiência de uma em relação à outra (arte e filosofia), possibilita a correlação necessária entre ambas.

Sobre a distinção entre prosa e filosofia, observamos uma similaridade na percepção que Sartre e Beauvoir têm em relação à literatura. Assim como a autora existencialista vê na literatura uma maneira de contemplar as contradições e ambiguidades da existência, a perspectiva sartreana aponta para a mesma linha de interpretação pois “[...] vemos que na prosa a ambiguidade tem seu ápice, seu ponto máximo, permitindo-nos dizer, assim, que é nela que podemos olhar de modo mais forte e intenso os paradoxos e contradições de ser humano” (Souza, 2008, p. 20). Simone de Beauvoir, ao pensar a literatura, olha inicialmente para sua própria experiência como leitora, o que a leva a chegar em algumas conclusões em relação a essa forma de escrita, debate que encontramos em sua obra *Literatura e metafísica*. O próprio sentimento que a autora experienciava, ao sair de uma leitura filosófica, entrava em conflito com sua relação de leitura com um romance e, ao compartilhar o seu sentimento enquanto leitora, e suas experiências, acreditava que tais formas de pensar revelavam uma relação ambígua entre literatura e filosofia. Ela nos mostra as consequências dessas divagações, que caminham para a noção de que:

[...] é no seio do mundo que pensamos o mundo. Se alguns escritores escolheram reter apenas um desses dois aspectos de nossa condição, erguendo assim barreiras entre a literatura e a filosofia, outros, pelo contrário, procuraram desde há muito exprimi-lo na sua totalidade. O esforço de conciliação a que hoje se assiste situa-se na sequência de uma longa tradição, responde a uma exigência profunda do espírito. Porque suscita, então, tanta desconfiança? (Beauvoir, 1967, p. 80).

Na passagem acima, a autora apresenta uma defesa ainda tímida à literatura, e se questiona sobre as raízes da desconfiança, que havia na época, de alguns pensadores em relação a essa expressão artística e sua proximidade com o fazer filosófico. Nesse sentido, Beauvoir busca – através de um exercício mental que resultou de sua própria experiência enquanto leitora – compreender as possíveis relações entre literatura e filosofia, apontando para a importância de ambas no seu

processo de escrita enquanto romancista e filósofa. Segundo ela, é possível que se encontre e mesmo que se produzam romances com características filosóficas, ou que sejam declaradamente filosóficos. Algumas objeções que podem ser observadas em relação à escrita de romances filosóficos podem levar em consideração a noção de que a construção de ficção, criada em torno de ideias e/ou sistemas, não teria a mesma clareza demonstrada por um texto elaborado em uma linguagem direta, ou em um ensaio filosófico propriamente dito. Neste sentido, como aponta Beauvoir:

[...] o romance só se justifica se é um modo de comunicação irreduzível a qualquer outro. Enquanto o filósofo, o ensaísta, comunicam ao leitor uma reconstrução intelectual da sua experiência, é essa própria experiência, tal como se apresenta antes de qualquer elucidação, que o romancista pretende reconstituir num plano imaginário (Beauvoir, 1967, p. 80-81).

A partir dessa interpretação, podemos concluir que alguns temas requerem tipos de escrita específicos, dependendo do que o autor pretende expor com seu trabalho. O romance convida o leitor a adentrar aquele universo criado pelo autor, requerendo de quem lê engajamento e comprometimento com os personagens, o enredo e a história construída. O romance desperta sentimentos similares aos que experienciamos na nossa vivência, convocando-nos a traçar linhas de raciocínio que solucionem problemas, ou mesmo que se proponham a entender as razões da ação e das escolhas de um personagem ou de outro. Nesse sentido, o romance nos ensina, nos educa e nos aproxima na mesma medida em que nos distancia da realidade. Não sendo “livres” os personagens, é o autor que exerce sua liberdade de pensamento e expressão nas obras que cria, e o leitor exerce sua liberdade interpretativa, compreendendo a obra como lhe aprouver.

No próximo tópico deste trabalho, buscaremos explicar como a autora entende a metafísica, pois o tipo de romance a que se propõe a adotar e defender é o romance metafísico. Beauvoir procura, além de apresentar a possibilidade de haver uma relação importante entre a filosofia e a literatura, defender essa última ao demonstrar os motivos pelos quais é possível pensar no romance metafísico como pensamos em um romance psicológico, por exemplo. É preciso, então, apresentar de que tipo de filosofia estamos falando, e se é possível ou não comunicar através de romances toda e qualquer perspectiva filosófica. Para a autora, se a filosofia for entendida como um sistema rigoroso, um romance filosófico não seria aceito como algo possível. Nesse sentido, é possível perceber que, diferente de um romance filosófico, um romance

psicológico é bem aceito, pois: “[...] se sabe que a psicologia não é essencialmente uma disciplina especial e estranha à vida; toda a experiência humana tem uma dimensão psicológica” (Beauvoir, 1967, p. 87). Assim, a autora aponta para a percepção de que algumas áreas do conhecimento, como a psicologia, são aparentemente melhor percebidas como algo presente na realidade e/ou no cotidiano, pois são mais familiares e menos abstratas. Beauvoir busca argumentar que a filosofia não é desconexa da realidade, e não é mera abstração. Para a filósofa, toda a existência possui uma dimensão metafísica.

2.2 O romance metafísico

Ao pensar a existência de um romance metafísico, Beauvoir afirma a necessidade de considerar que nem todos os sistemas e/ou perspectivas filosóficas contemplam essa possibilidade. Para que seja possível, um romance metafísico deve considerar a importância de duas questões, a saber, subjetividade e historicidade. Sistemas metafísicos e/ou filosóficos que não contemplam essas possibilidades não resultariam em um bom romance. Na concepção de Beauvoir, a construção de um romance aristotélico, por exemplo, estaria descartada, por não contemplar as questões de subjetividade e historicidade. Buscaremos, nas próximas linhas deste trabalho, demonstrar de que maneira a filósofa entende o que seria um romance metafísico e suas principais características, para que nos tópicos seguintes possamos apresentar os seus contos e novelas presentes na obra *A mulher desiludida*, os quais apresentam algumas dessas características e, de algum modo, convidam-nos a adentrar não só na literatura beauvoiriana, mas também em sua filosofia.

Josiana Barbosa Andrade, em seu artigo *Simone de Beauvoir e a dimensão metafísica da existência: uma análise de A convidada*, assim descreve o romance beauvoiriano: “[...] um romance beauvoiriano não é uma aplicação ou demonstração de teorias, princípios ou conceitos filosóficos, mas a expressão da própria realidade vivida, com suas contradições e ambiguidades” (Andrade, 2021 p. 498). Esta descrição nos faz lembrar das razões pelas quais Sartre defende a literatura como uma aliada da filosofia, sendo que uma – a filosofia – descreveria conceitualmente a realidade, e a outra – a literatura – buscaria compreender a realidade através da imaginação e da significação. Nesse sentido, ao pensar um romance metafísico e contemplar a possibilidade da utilização de algum sistema filosófico para

desenvolvê-lo, Beauvoir menciona, em Literatura e metafísica, o exemplo de Platão, quando ele afirma que a ideia de uma realidade suprema existente apenas em uma dimensão para além da perspectiva corpórea, transformando a percepção do mundo que nos é apresentado pelos sentidos em algo enganoso e dubitável. Se os sentidos são enganosos e dubitáveis, não é possível atribuir confiabilidade na própria existência, pois essa é calcada na experiência vivida e percebida pelos sentidos. Apesar dessas afirmações, há uma dialética no pensamento do filósofo ateniense, e essa integraria o homem e o mundo sensível. Hegel, em oposição à perspectiva platônica, concebe, segundo nossa autora, a necessidade da existência de um mundo concreto e histórico. Se o filósofo ou filósofa não atribui valor à subjetividade e à historicidade, pouco terá a dizer sobre a descrição da realidade na ótica da existência humana, e não contemplará as ambiguidades que dela resultam.

Segundo Beauvoir (1967) há filósofos que separam a essência da existência, e para eles a realidade está escondida e não é percebida a “olho nu”. Essa categoria de pensadores não seria tentada a escrever romances, pois esse tipo de escrita exprime a experiência vivida em um mundo supostamente irreal, cheio de contradições e ambiguidades. Porém, para a autora, a questão não é a de simplesmente transpor para a literatura sistemas ou verdades construídas filosoficamente. Para além disso, a literatura pode manifestar singularidade, subjetividade e dramaticidade, que são questões inerentes às experiências da vida. Uma vez não podendo a filosofia abranger essas contradições, a literatura possui a liberdade de desenvolvê-las. Se a literatura tem a liberdade de abranger questões que a filosofia não pode dimensionar, podendo apenas tentar explicá-las conceitualmente, e a metafísica é uma das grandes áreas da filosofia, precisamos saber de que tipo de metafísica estamos falando. A filósofa existencialista acredita que a metafísica deve ser percebida no seio da existência:

Em primeiro lugar, a metafísica não é um sistema; não se ‘faz’ metafísica como se ‘faz’ matemática ou física. Na realidade, ‘fazer’ metafísica é ‘ser’ metafísico, é realizar em si a atitude metafísica que consiste em pôr-se na sua totalidade em face da totalidade do mundo. Todos os acontecimentos humanos, possuem para além dos seus contornos psicológicos e sociais, uma significação metafísica [...] cada homem realiza uma certa situação -metafísica que o define muito mais essencialmente do que qualquer das suas aptidões psicológicas (Beauvoir, 1967, p. 87-88).

Nessa passagem, ao afirmar que a metafísica não é um sistema, e que os seres humanos realizam situações metafísicas, podemos inferir que a autora evidencia que

da mesma maneira que todo o ser humano tem uma dimensão psicológica da existência, também há uma dimensão metafísica. Nesse sentido, não haveria razões para supor que não é possível existir um romance com tais características. Segundo Josiana Barbosa Andrade, no artigo já mencionado: “A metafísica, aqui, não está nas ideias em si, não é o estudo do ser pelo ser, mas nas relações do existente (Andrade, 2021, p. 508-509). Assim, a filosofia deveria então ser não apenas teorizada, sistematizada e problematizada, mas vivenciada. A escrita filosófica, bem como a visão e interpretação realizada pelos filósofos sobre o mundo e a sociedade, não é totalmente desvinculada do que é feito pelos romancistas. Esses autores também exprimem, da sua maneira, uma visão de mundo. A literatura, para os existencialistas, surge também com o objetivo de conciliar a filosofia com a condição humana, pois isoladamente a literatura não daria conta de expressar a dimensão metafísica da existência com a clareza conceitual da filosofia, e a filosofia não poderia descrever as contradições da vida e da existência como a literatura pode fazer.

Uma das características que observamos nos romances de Beauvoir – e que podem eventualmente ser percebidas, talvez, no estilo de escrita de outros escritores e escritoras – diz respeito às personagens e a forma com que a autora as estrutura. Boa parte de seus contos, novelas e romances – podemos citar como exemplo *Os mandarins* –, apresentam a descrição das vidas das personagens em dois momentos, um na dimensão geral das relações dos indivíduos com as famílias, amigos, amantes etc. e uma dimensão mais interior, introspectiva, na qual podemos compreender o que a personagem sente e pensa, o que acha de si mesma e dos outros, e qual é a sua percepção sobre os acontecimentos e sobre o mundo à sua volta. Cada personagem de um romance tem uma história que pode ter sido experienciada por alguém, ou se não tiver sido vivida por alguém, poderia muito bem acontecer com qualquer um de nós. As personagens de romance metafísico têm algumas singularidades, na visão da filósofa, o que é explicado por Josiana na seguinte passagem de seu artigo:

Uma personagem é um universo inesgotável; suas ações possibilitam-nos infinitas interpretações, uma vez que em um romance metafísico não se é dada uma verdade única, as personagens tornam-se tão complexas quanto os seres humanos o são fora do mundo ficcional. Elas não são em si: buscam ser (Andrade, 2021 p. 502).

Beauvoir busca, com suas personagens e histórias, demonstrar o metafísico no interior da existência humana e suas experiências. Ao longo deste tópico tentamos apresentar em linhas gerais o que é um romance metafísico na concepção de nossa

autora, e apresentamos a noção de romance metafísico proposta por Simone de Beauvoir. Veremos nos tópicos seguintes uma breve interpretação dos contos e novelas que compõem a obra *A mulher desiludida*. Nosso intuito, com a análise dessa obra, é demonstrar de que maneira a autora evidencia a dimensão metafísica da existência por meio de suas obras literárias e da escrita caracterizada por ela como romance metafísico. Apresentaremos em linhas gerais o enredo das histórias e um pouco de como as personagens pensam as próprias experiências, tentando demonstrar como as contradições vivenciadas na vida dessas pessoas criadas pela autora se conectam com a noção de que é possível perceber a metafísica na vivência. Além disso, notamos que nessa obra é possível perceber a presença direta ou indireta de conceitos filosóficos, como os de alteridade, situação e experiência vivida, os quais pretendemos explorar no último tópico deste capítulo.

2.3 Contos beauvoirianos em *A mulher desiludida*: *A idade da discricão*

Em *A idade da discricão*, Simone de Beauvoir nos apresenta um pouco da fase madura de uma mulher aposentada, que vive em Paris com seu marido André. Interessante notar que o nome da protagonista nunca é mencionado, porém seus interlocutores sempre são nomeados¹⁰. Observamos um certo apagamento dessa mulher, que fala em primeira pessoa dos eventos que ocorrem em sua vida, de suas próprias considerações em relação à passagem do tempo, às mudanças ao seu redor, e, por momentos, exacerbando seus sentimentos. Ela sente muito, uma série de eventos: a partida do filho, a aposentadoria, a ausência do contato com seus alunos, o casamento de seu filho com uma jovem burguesa, a influência exercida sobre o filho pelo sogro, ao fazê-lo mudar de carreira e por consequência romper com sua suposta ideologia de esquerda, etc.

No início do texto, a autora nos introduz ao ambiente em que essa mulher vive, e, sobretudo, ao fluxo de pensamentos dela sobre o cotidiano e sua vida atual. Observa o passar do tempo, por vezes com otimismo, quando pensa nas transformações à sua volta: “O mundo se constrói sob meus olhos num eterno presente. Habituo-me tão depressa aos seus aspectos que ele não parece mudar”

¹⁰ É intrigante perceber que mesmo a ausência, nesse caso do nome da personagem, revela uma questão que nos remete à alteridade em Beauvoir, uma vez que, se seu nome é oculto, é como se não existisse ou não tivesse importância, em comparação com os outros.

(Beauvoir, 2014 p. 10). Quando ela lembra com tristeza que seu filho não mora mais com os pais, restando a ela apenas a expectativa de revê-lo, pensa: “Pode-se chorar de tristeza, mas não é fácil conjurar a impaciência da alegria” (Beauvoir, 2014, p. 11). Pensar o cotidiano de uma mulher nos seus 60 anos implica muitas questões que por vezes não nos damos conta de sua devida importância, como, por exemplo, o que pensa uma pessoa idosa sobre o futuro? Como viver a velhice?

De início, percebemos que a protagonista consegue desfrutar de pequenos prazeres da vida, porém, por momentos, a sensação é de que o tempo passa de maneira arrastada, principalmente pelo fato de agora haver mais liberdade no que se refere ao que fazer, ao que ela pensa: “O excesso de lazer, concedendo-me o mundo, me impedia de vê-lo” (Beauvoir, 2014, p. 49). Podemos também pensar que esse conto seja um tanto quanto autobiográfico, uma vez que Beauvoir e a personagem são muito parecidas em diversos aspectos, desde o gosto pela literatura e pela filosofia, até a postura política ideológica. Há, na relação da protagonista com seu marido, algo que remete a uma análise existencial, pois por muitas vezes ela se pega pensando em comparações entre ambos, e os motivos que os levam a agir no mundo da maneira como agem. Essa ambiguidade, em diversas ocasiões, é explicitada pela forma como ela pensa o marido e a si mesma, já que em um dos principais pontos de virada do livro o casal vive uma divergência de opiniões no que se refere à decisão do filho de largar a vida acadêmica. Ela rejeita completamente a ideia, inclusive, deixando de falar com o próprio filho, e André aceita com certa naturalidade, apenas reprovando a mudança de perspectiva do filho.

É possível considerar, também, a forma diferente com que cada um deles pensa a sua realidade e a velhice em si, levando por vezes a conflitos internos que na mulher aparece muitas vezes com uma falta de conexão com a realidade, com a mudança e com ela mesma:

As duas imagens que tinha de André, a do passado e a do presente, não se ajustavam. Alguma coisa estava errada. Aquele instante mentia: não era ele, não era eu, aquela história se passava em outro lugar. Ou então, no passado era miragem, eu me enganara sobre André. Nem uma coisa nem outra, eu me dizia quando via claro. A verdade é que ele tinha mudado. Envelhecido. Não dava mais muita importância às coisas. Outrora a conduta de Philippe o deixaria revoltado: agora contenta-se em reprová-lo. Outrora ele não teria mentido para mim. Sua sensibilidade, sua moral se embotaram. Será que vai continuar nessa descida? Cada vez mais indiferente... eu não quero. Eles chamam de indulgência, sabedoria, essa inércia no

coração: mas é morte que está se instalando em você. Ainda não, agora não (Beauvoir, 2014, p. 36-37).

O parágrafo acima deixa ainda mais explícita a contraposição existente entre o casal, levando-os a conviver em uma relação conflituosa, que gera cansaço mental nela, em seu esforço por estar certa. A professora aposentada dedica-se ao estudo e à escrita, de modo que publica esporadicamente ensaios que apresentam o desenvolvimento de suas pesquisas. Sua última publicação não tem o efeito esperado, fazendo-a cair em um estado ainda maior de melancolia, julgando-se incapaz de produzir algo relevante, e se questionando se André estava certo em acreditar que na velhice a capacidade criativa se perde, o que a leva a pensar no que diferem os jovens dos velhos: “Conservar a vitalidade, a alegria, a presença de espírito são ser jovem. Então, o lote da velhice é a rotina, a melancolia, a senilidade” (Beauvoir, 2014, p. 53). A mulher se sente desolada ao perceber que não há muito mais do que isso a esperar, as cores que outrora via agora são cinzentas, nebulosas, tristes. Após alguns acontecimentos, e uma viagem para o interior da França, a mulher reencontra seu marido com outro estado de espírito. Nesse momento, ela se percebe sem ter o que esperar do futuro, e ele tem uma perspectiva mais otimista. Essa mudança em um dos indivíduos leva os dois a procurarem chegar a um entendimento, e buscar encarar os anos vindouros com outro olhar.

Esse conto nos convida a analisar várias questões que envolvem a velhice, as relações familiares, e a forma com que a mulher se vê frente aos desafios da mudança imposta pela própria passagem do tempo. Na velhice, o corpo não é o mesmo, a disposição não é a mesma, mas, muitas vezes, os pensamentos, ideologias, visões de mundo, permanecem as mesmas, o que gera um certo sentimento de falta de conexão com o que você é internamente, e como você é visto pelos outros, e por você mesmo quando se olha no espelho. As mudanças do corpo nem sempre acompanham as mudanças da mente, e essa incompatibilidade de um em relação ao outro também é fonte de angústias, frustrações e dores. Para além dos conflitos internos, vemos também a relação de conflito da mãe com o filho, que se recusa a aceitar que ele não siga os preceitos por ela ensinados. Esses conflitos familiares são vivenciados por muitas pessoas que decidem seguir caminhos diferentes dos de seus pais. Nesse sentido, entendemos que a autora busca colocar uma lente de aumento em questões que muitas vezes não damos a devida importância por serem tão comuns e

corriqueiras na vida, mas que são de grande relevância ao pensarmos a vida, a família e o envelhecer.

No tópico seguinte, analisaremos o conto *Monólogo*, que narra as experiências que podem ser vividas por algumas mulheres, mas, nesse caso, a narrativa nos é apresentada apenas do ponto de vista dela, uma mulher que passa por um momento de aflição e profunda angústia na sua vida. Nesse conto perceberemos algumas mudanças no que se refere às características da personagem, a forma com que enxerga sua própria vida e pensa seu futuro. Perceberemos em seu fluxo de consciência uma existência permeada pelas aflições e expectativas – da sociedade, e dela mesma – geradas em torno do que se espera de uma mulher de meia idade. Questões como o que deveria fazer, como ela deveria estar, como deveria se comportar, são problematizadas nesse texto e nos convidam a experimentar junto da personagem as aflições que podem ser vividas por qualquer mulher nessa mesma etapa da vida.

2.4 *Monólogo*

Esse texto nos transmite uma aura triste, violenta, feroz. Apesar de vermos apenas a perspectiva de uma pessoa, notamos a quão caótica, melancólica e angustiante pode ser a mente humana. Nesse trabalho notamos que, de modo diferente do primeiro conto, Beauvoir coloca a mulher no centro, dando a ela um nome e descrevendo sua vivência de uma forma mais profunda ao expor diretamente a nós o que se passa na mente da personagem, o que se assemelha ao fluxo de consciência, estilo de escrita usado por autoras como Virginia Woolf e Clarice Lispector, por exemplo. Nessa obra, temos um relato dramático de uma mulher que vive abandonada, excluída e em luto pela trágica morte de sua filha. Murielle relata seus sentimentos, opiniões e decepções como se estivesse escrevendo um diário, numa noite solitária de ano novo.

Uma das questões que me parece central nessa história é a dependência emocional, social, e metafísica do outro. A única forma que Murielle vê de se tornar respeitável é constituindo uma família, sendo mãe e esposa, como é demonstrado quando ela diz, de forma indignada: “Que merda; eu quero ser respeitada quero meu marido meu filho meu lar como todo mundo” (Beauvoir, 2014, p. 77). Há, para a personagem, a necessidade do outro de maneira tal que ela, em certa medida, disso

depende até mesmo a sua existência num sentido ontológico à alteridade, pois ela só se vê sendo em relação ao outro e nunca para si. Outra questão que observamos na frase acima é o “como todo mundo”: no contexto da personagem, na França de meados dos anos 60, era esperado que todas as mulheres vivessem sob essas condições, pois seria um tanto “antinatural” viver fora desse contexto familiar. Observamos na história, também, uma percepção um tanto quando nauseada em relação ao seu entorno e ao comportamento das pessoas. Algumas descrições bastante gráficas das situações em que ela observa ao seu redor nos remete ao sentimento de nojo e repulsa descritos por Roquentin, personagem de *A náusea* escrita por Sartre, o que pode ser notado na passagem a seguir de *Monólogo*:

[...] o ar é poluído não só por causa dos carros e das usinas mas também por causa desses milhões de bocas sujas que o engolem e o devolvem da manhã à noite; quando penso que estou envolta nesse hálito tenho vontade de fugir para os confins do deserto; como conservar um corpo limpo num mundo tão nojento somos contaminados por todos os poros da pele e no entanto eu sou sadia limpa não quero que eles me infectem (Beauvoir, 2014, p. 78).

Da solidão latente descrita pela mulher se segue o medo de morrer sozinha, e daí decorre o contraste entre o desejo de viver e o de morrer, que são sempre demonstrados. No primeiro momento, a esperança de ter novamente a vida de outrora lhe desperta o desejo de viver, no segundo, a desilusão e o terror frente à possibilidade de que isso não aconteça, a faz querer sumir do mundo. Algo para além do texto, sobre o qual podemos refletir, é a condição da mulher, sobretudo no contexto em que a autora o escreve. Murielle é uma típica mulher burguesa criada para casar-se, ter filhos, cuidar da vida doméstica e participar da sociedade comparecendo e dando jantares e coquetéis. Desse modo, podemos compreender, em certa medida, o que a faz não ter uma identidade definida do seu eu em relação a si mesma, já que não se esperava que uma mulher fosse mais do que mãe e esposa, e que esse ideal a ser alcançado por ela não foi atingido. Ao contrário, foi bruscamente arrancado dela pela tragédia da morte da filha, e esse acontecimento trouxe consigo a constatação de que ela não era uma boa mãe, por não ter sido capaz de salvar a filha. Ao se ver destituída de sua família, sua vida perde a essência, o sentido. Ela não se imaginava privada disso, logo, não poderia viver feliz sem essa parte que, para ela, era a base e o único sentido de sua vida.

Ao avançarmos na leitura, vamos compreendendo um pouco mais a forma como Murielle pensa, e como ela se vê em relação aos outros. A personagem

constantemente se coloca contra “eles”. Esse “eles”, pela narrativa, acreditamos em um primeiro momento que seja a família e, em um segundo momento, a sociedade em geral, pois vemos como ela tem a sensação de ser observada por todos, como se fosse até mesmo perseguida. Todas essas divagações, que sempre remetem à dependência de outrem até para fazer um passeio ou viagem, acarretam a dúvida sobre a sua própria existência, ao que ela se questiona: “É como se eu tivesse sido apagada do mundo. Como se eu nunca tivesse existido. Será que eu existo?” (Beauvoir, 2014, p. 91). Ser mãe e esposa era o que a tornava alguém, sem isso a existência dela enquanto pessoa é questionável, sua finalidade e sua utilidade não mais dão a ela o direito de existir.

A história se encerra com uma chamada de telefone entre Murielle e seu ex-marido Tristan. Ela ainda tem esperanças de voltar a ter a vida idealizada, mas ambos discutem e não chegam a nenhum lugar. Notamos então um final inconclusivo, de modo que podemos observar, com isso, que a história se propõe a ser um registro de pensamentos conturbados, por vezes aleatórios e confusos, que caracteriza o fluxo de pensamentos da personagem. A personagem, uma mulher que espera dos outros para que possa ter algo para si, e mesmo para que sua própria existência seja digna de significado e valor. Talvez seja esse o dilema que mais aflige milhares de mulheres em diferentes contextos. Ao não concluir a história com um final trágico ou feliz, a autora nos remonta a uma característica da filosofia existencialista, a compreensão de que o ser humano e a vida humana são respectivamente incompletas e inacabadas, que há uma abertura para que qualquer coisa aconteça, e isso exprime a ambiguidade e a incerteza do que é existir.

No primeiro conto, observamos a vida de uma mulher aposentada, a convivência e os conflitos com seu filho já adulto, nesse conto temos a descrição da vida de uma mulher de meia idade, recém separada, que analisa sua vida e o que poderia ter feito de bom ou de ruim, para que sua vida esteja agora como está. A autora nos convida a refletir sobre a infância da personagem ao narrar passagens que descrevem a relação dela com seu irmão;¹¹ perpassamos também um pouco de sua

¹¹ Aqui também podemos perceber um certo conflito no que se refere não apenas ao que é esperado de uma menina na infância, mas também a inveja que Murielle sentia de seu irmão pela atenção que ele tinha da mãe e das outras pessoas, e, quem sabe talvez a inveja se dê pelo simples fato de o irmão ser homem e poder realizar as aspirações de vida que ela jamais poderia realizar. Além disso, talvez ser do sexo masculino torne seu irmão o filho preferido de sua mãe, pois é o filho homem que carrega o nome da família e que terá destaque e notoriedade na sociedade naquele contexto histórico e social.

vida de casada; a chegada dos filhos e criação deles; a trágica morte de sua filha mais velha; e a separação do marido, momento que mostra o lado mais sombrio e solitário de sua vida. Cada uma dessas histórias nos mostra, sob óticas diferentes, algumas das possibilidades do que pode vir a ser a vida de uma mulher e o que é esperado dela em diferentes etapas da vida. No tópico seguinte, analisaremos o texto de *A mulher desiludida*. Escrita em forma de diário, descreve a vida de Monique, uma mulher que dedicou sua vida inteiramente ao cuidado do lar e ao marido. Abordaremos nas próximas linhas o enredo, as personagens, e tentaremos apresentar nossa visão e interpretação da obra.

2.5 A mulher desiludida

O início desse conto, assim como os outros, é registrado em primeira pessoa, porém explicitamente escrito como um diário. Parece, a princípio, um retrato otimista em relação ao futuro de uma mulher burguesa de meia idade. A ela, estão abertas várias possibilidades, uma vez que criou suas duas filhas e pode desfrutar da vida a sós consigo mesma e com o marido. Era isso que ela pensava, e era isso que esperava. Confiava cegamente no amor do marido por ela, e dela por ele. Fazia planos para sua nova vida, o que fica explícito quando afirma “Quero, enfim, viver um pouco para mim mesma. E aproveitar com Maurice essa solidão a dois, da qual tanto tempo estivemos privados” (Beauvoir, 2014, p. 99). Pela presença e ocupação com as filhas, antes Monique se via sempre ocupada e sem tempo para si mesma e para o marido; uma vez que suas filhas não são mais o centro de suas preocupações, acredita agora poder focar em cultivar seu relacionamento consigo e com Maurice.

Nesse início do diário, a personagem principal, Monique, ainda se vê como alguém cuja existência é independente da família, ao ponto de declarar querer viver para si mesma. Porém, conforme avançamos na leitura, percebemos que essa ideia de uma existência para si vai se esvaindo, e entendemos então a dependência afetiva que tem em relação ao marido. Ao retornar de uma breve viagem a uma pequena cidade onde teve essas ideias e sentimentos otimistas, Monique se depara com a dureza da realidade: a casa vazia, sem seu marido e suas filhas. Essa percepção faz com que ela deseje a chegada do marido o mais breve possível, o que, mais uma vez, assim como nos contos anteriores, denota uma dependência social e afetiva da mulher para com o marido e os filhos. Isso se reflete na necessidade de se explicar sobre

suas razões para não ter escolhido nenhuma profissão, e de não desejar isso mesmo depois de suas filhas terem deixado o lar: “Eis uma das razões – a principal – pela qual não tenho nenhuma vontade de me fechar numa profissão: não lidaria bem com o fato de não ficar totalmente à disposição das pessoas que *precisam de mim*” (Beauvoir, 2014, p. 100, grifo nosso). A personagem se convence de que sua família precisa e depende dela, e dói perceber que na realidade não é bem assim, pois ela depende mais do convívio com a família do que eles dependem dela.

Dependência da dependência parece redundante, repetitivo, mas é ainda a realidade de muitas mulheres, assim como é a de Monique. Ela precisa que alguém precise dela para que sua vida tenha sentido. Ao observarmos essa latente necessidade do outro, percebemos que Simone de Beauvoir buscava nos mostrar os riscos disso para nossas vidas: a dependência se torna um cárcere cujos grilhões são muito difíceis de romper. Os riscos desse encarceramento emocional geram uma negação de si, como fica evidente na passagem a seguir:

Quando se viveu de tal maneira para os outros, é um pouco difícil começar a viver para si. Não cair nas armadilhas da dedicação: sei muito bem que as palavras dar e receber são intercambiáveis e como *eu tinha necessidade da necessidade* que minhas filhas tinham de mim. Nesse sentido, nunca blefei. ‘Você é maravilhosa’ dizia-me Maurice. Ele dizia isso frequentemente, a qualquer pretexto. ‘Porque para você, dar prazer aos outros é antes dar prazer a você mesma.’ Eu ria: ‘É verdade, é uma forma de egoísmo’. Aquela ternura em seus olhos: ‘A mais deliciosa que existe’ (Beauvoir, 2014, p. 114, grifo nosso).

Ao perceber que a dura realidade de sua vida era um casamento em que não mais existia diálogo e cumplicidade, nossa protagonista começa a sentir as dores que marcam a vida de quem depende do outro para ser. Ao encarar o marido, questionando-o das razões desse distanciamento e os motivos de ter chegado em casa tão tarde em uma noite, descobre uma infidelidade. O que conduz o restante da história é uma jornada pela busca de si através da compreensão do outro. E a latente alteridade dói profundamente na personagem, que se vê perdida em um mundo em que não há mais a vida que ela vivia, e os ideais que cultivava. Quando começa a digerir essa informação, o que mais lhe choca é a mentira: julga-se uma mulher “a quem não se mente” (Beauvoir, 2014, p. 107), e isso a desola, pois outrora pensava que a relação dela com o marido não contemplava mentiras, mesmo que fosse uma infidelidade.

Agora, a mulher a quem não se mente se vê encurralada e começa a pensar que todos lhe mentem. A fórmula para uma “boa esposa” superar esses problemas é por ela admitida. Para reconquistar o marido, Monique precisa seguir o que sua amiga lhe orientou: “[...] não dê uma de vítima nem de megera. Simplesmente. ‘seja compreensiva e alegre, sobretudo seja amiga’” (Beauvoir, 2014, p. 108). Por qual razão cabe à mulher esse papel da busca por reconquistar um marido infiel? O cônjuge lhe trai e lhe é mentiroso, e em contrapartida cabe à esposa o papel de acolhedora, de ser a que luta pela relação. Sabemos que Beauvoir tinha uma percepção muito diferente no que se refere a relacionamentos monogâmicos, mas o drama apresentado vai além das questões que permeiam a ideia de um relacionamento aberto, pois no caso de nossa protagonista a dor reside na desonestidade do parceiro, que para ela é pior que a infidelidade carnal.

Monique tenta seguir as dicas para restaurar seu casamento, de início acredita funcionar, mas a todo instante o fantasma da comparação a assombra e aflige, afinal, não deve ser difícil para uma esposa se perguntar o que fez o marido escolher aquela mulher em específico como amante. Profundas questões existenciais surgem de uma situação como essa, por exemplo: sou feliz? Sobre o que vale a pena escrever? (Beauvoir, 2014, p. 110-11). Tais problemáticas e conflitos fazem-na perceber que ela e o marido não são um só, que ele tem interesses, emoções e anseios que ela desconhece, forçando-a a novamente ser um *Eu* e não mais um *Nós*. Ao tentar reencontrar-se, Monique busca na arte, como o cinema e a música, um refúgio, chegando a acreditar que a solidão não lhe causa perturbação, afirmando inclusive que ela em pequenas doses a relaxa (Beauvoir, 2014, p. 120). Mas a solidão, se não for genuinamente aproveitada, gera reflexões que podem levar à paranoia, o que acaba acontecendo com ela: passa a buscar pistas do romance extraconjugal do marido em suas coisas.

A partir desse momento, as desconfianças sempre vão rondar a sua mente, fazendo-a realizar um “balanço” de sua vida conjugal na busca por explicações para a insatisfação do marido. Para ela, essa seria a resposta para que ele buscasse em outra o que, supostamente, não tinha em casa. A pergunta que paira é sutil, mas podemos dizer que seria: o que falta em mim? Toda essa investigação, a leva a encarar Noëllie como sua rival, passando muitas vezes a confrontar o cônjuge sobre quem é, em verdade, sua amante. Em um desses confrontos, Maurice chega a afirmar algo doloroso à esposa quando a compara com a outra: “as mulheres que *não fazem*

nada não suportam as que trabalham” (Beauvoir, 2014, p. 124, grifo nosso). Isso nos leva a observar de que maneira a maioria dos homens enxergam as mulheres que se dedicam à família: supõem que elas nada fazem, que não têm coisas importantes a fazer, como cuidar dos filhos e conservar a casa, ou que, na realidade, o trabalho de cuidado é irrelevante, não passa de uma obrigação feminina. Monique escolheu cuidar da família, e toda mulher deve ter o direito a essa escolha sem que lhe sejam penosas as consequências, sem que lhe digam que elas nada fazem, afinal, o trabalho doméstico também é um trabalho, assim como a advocacia é um trabalho para Noëllie.

Apesar de ter visto as filhas crescerem, de olhar o passado, apenas após essas penosas reflexões e revelações ela se dá conta de que o tempo passa. Essa constatação se deve ao fato de que mesmo voltando a lugares que outrora lhe agradavam, fazendo coisas que a interessavam, as coisas – objetos, cidades, pessoas e a vida – não eram mais as mesmas, ela não era mais a mesma, Maurice não era mais o mesmo; o tempo passou. Ele a repele quando ela tenta lhe fazer carícias. O que a leva a questionar-se: enquanto mulher, será que ela ainda era desejável? Para descobrir a resposta para essa pergunta, resolve então realizar um experimento, entrando em contato com um homem que dela gostava: “Tinha telefonado anteontem a Quillan. Ah! Não me orgulho. Tinha necessidade de me assegurar que um homem pode ainda me achar interessante. A prova está feita. E do que me adianta? Com isso, não fiquei gostando mais de mim mesma” (Beauvoir, 2014, p. 134). Mais uma vez, observamos a necessidade de validação que as mulheres têm em relação aos homens, algo que foi construído de tal forma, que as corrói numa aflição em relação à validação de si.

Necessidade de sobrevivência ou carência: a que ponto chega à dependência do *outro* em relação ao *um*? Monique se afunda cada vez mais na depressão e no desespero gerados pelas suposições, pois: “Tudo supor, nada saber, é intolerável” (Beauvoir, 2014, p. 138). Esta frase salta aos olhos, pois, realmente, quando nos deparamos com situações desconhecidas, principalmente se antes julgávamos ter ciência, passamos a sentir insegurança. A personagem passa por todo esse processo de desconstrução numa busca pelo outro, acreditando ser nele que ela se reencontraria, caso obtivesse as respostas que buscava. A visão de si condicionada à percepção e ao julgamento do outro a leva a afirmar: “Eu só me via mesmo pelos seus olhos: uma imagem demasiado lisonjeira talvez, mas na qual, em conjunto, me reconhecia” (Beauvoir, 2014, p. 144). E se o outro não a valida, não a reconhece, a

única conclusão a que chega é a de que ela é, ou tornou-se, um ser indesejável, desprezível. Há também, nessa história, a possibilidade de percebermos que, em geral, a ruptura não é aceitável se parte da mulher, e, em se tratando do período da escrita da obra, que data de meados dos anos 60, era pouco comum que uma mulher optasse pelo divórcio.

Refletir sobre o casamento e suas problemáticas, as quais, na maioria dos casos, afetam mais as mulheres que os homens, é a chave interpretação utilizada por Beauvoir para analisar, descrever e compreender a situação da mulher naquele período. Assim como nos contos anteriores, é latente o frequente antagonismo entre os gêneros, e as condições de vida oferecidas e/ou possibilitadas a cada um deles. Essa alteridade nos leva a pensar na contraposição entre o universal e a situação singular dos indivíduos, quando observamos por exemplo a forma com que Monique tenta entender sua situação e resolvê-la ao observar que “todos eles explicam a você o que é normal, quer dizer, o que acontece aos outros. E eu tento utilizar essa chave universal! Como se Maurice e eu, e o que há de único em nosso amor não estivéssemos em jogo” (Beauvoir, 2014, p. 158). Ao observar que essa chave de interpretação de sua própria realidade não lhe serve, a personagem começa a ter consciência da perda de si, e olha para o futuro com desespero e medo gerados pela incerteza.

Até aqui buscamos analisar e compreender esses três contos que, apesar de serem histórias diferentes, têm vários aspectos em comum, o que remete à forma como a literatura e a filosofia de nossa autora se relacionam. Beauvoir fundamenta suas reflexões e escritos filosóficos em conceitos que podem ser observados na concretude da vida prática. Apesar de chegar a afirmar, em sua obra *Literatura e metafísica*, que os sistemas e/ou os ensaios filosóficos não contemplam as contradições da realidade, nossa autora consegue produzir uma literatura rica e profundamente filosófica. Ao mencionar o que para ela seria um bom romance a filósofa afirma: “É isso que confere valor a um bom romance. Ele permite efetuar experiências tão completas, tão inquietantes como as experiências vividas” (Beauvoir, 1967, p. 81). Ao ler os escritos filosóficos da autora, e após isso analisarmos algumas de suas obras de literatura, fica mais claro a explicitação de conceitos como situação, experiência vivida e alteridade nos desdobramentos dos acontecimentos e na constituição das próprias personagens, tornando-se de fundamental importância a análise dessas diferentes formas de escrita da autora para a compreensão de seu

pensamento. A seguir, apresentaremos os conceitos de situação, experiência vivida e alteridade, que são de fundamental importância para a compreensão da obra beauvoiriana e para o que buscaremos adiante desenvolver ao refletirmos sobre o tema da desigualdade entre homens e mulheres na carreira docente, conectando especialmente o conceito de alteridade à ideia de disparidade de gênero.

2.6 Situação, experiência vivida e alteridade

Neste momento do trabalho, buscaremos abordar três conceitos que consideramos importantes, por nos ajudarem a compreender a condição da mulher na sociedade. Demonstraremos como estes conceitos – situação, experiência vivida e alteridade – interagem e/ou estão presentes nas obras literárias e filosóficas de Beauvoir, e são importantes para a compreensão da noção de disparidade de gênero que pretendemos abordar na próxima seção. Para analisarmos o conceito de situação, dialogaremos com a tese de doutorado de Heci Regina Candiani, intitulada *A tessitura da situação: a trama das opressões na obra de Simone de Beauvoir*. O trabalho de Candiani nos ajuda a compreender de onde se originou o conceito de situação, e nos convida a perceber como ele dialoga com os demais. Iniciaremos por esse conceito, para a seguir passar à exposição dos demais.

A leitura da tese de Heci Regina Candiani nos possibilita compreender a maneira como o conceito de situação começa a tomar forma na filosofia beauvoiriana. É interessante observar como a relação com a realidade que a circunda e o contexto em que vive influencia a autora e lhe convida a elaborar um conceito que lhe ajude a compreender o momento em que vive. Beauvoir é confrontada com a dureza da realidade frente à ocupação nazista na França, que lhe obriga a perceber que a liberdade não é uma possibilidade igual para todos, e em todas as situações. Sartre defendia uma liberdade radical e não situada, mas a autora não se contenta com essa interpretação por observar, no mundo à sua volta, a impossibilidade de haver uma liberdade absoluta que independa de gênero, raça ou classe, por exemplo. A liberdade não é uma possibilidade igual para mulheres e homens, negros e judeus, ela é situada, no tempo, no espaço e na cultura. Sobre isso Candiani afirma: “Desde o início, portanto, Beauvoir defendia uma ideia de liberdade situada, ao contrário de Sartre, que idealizava a liberdade como radical e absoluta” (Candiani, 2018, p. 84).

O conceito de Situação nasce junto com a consciência de intersubjetividade na autora, que passa a não se considerar mais apenas um indivíduo isolado, a quem, independentemente de qualquer coisa, lhe importa mais a felicidade e a liberdade, mas sim passa a compreender-se como pessoa situada em um momento histórico, envolvida nas relações com as pessoas de seu entorno:

Gradualmente, ela começava a abandonar a percepção de si como indivíduo isolado para concentrar suas observações em como se encontrava situada, inserida na história de um modo que até o íntimo ganhava uma dimensão política (aspecto que ela exploraria depois em *O segundo sexo* e nos textos sobre a Guerra de Independência da Argélia) (Candiani, 2018, p. 83).

Ao se ver em um contexto de guerra, e essa realidade modificar tudo ao seu redor (sua vida, suas relações, sua liberdade), Beauvoir passa a entender a necessidade de compreender as implicações da situação política nas existências dos indivíduos. A autora passa a perceber, então, que não existe subjetividade sem intersubjetividade, pois “Subjetividade, para ela, é sinônimo de ação, se constitui nas e pelas relações sociais; portanto, é sempre intersubjetividade – o social atravessa o indivíduo assim como e ao mesmo tempo em que o indivíduo integra a sociedade” (Candiani, 2018, p. 80). O indivíduo se constrói e se constitui em relação aos outros, nunca de maneira isolada, e essas relações também compõem a situação dos indivíduos e influenciam a forma como vão se posicionar e agir no mundo.

Sartre, como já mencionado anteriormente, defendia a noção de que a liberdade seria radical e absoluta, e que independente do contexto em que o indivíduo esteja, ainda é possível para ele escolher, e a escolha compõe o que é a liberdade. As situações não são equivalentes, nesse caso; para a autora, a liberdade não é uma possibilidade dada a todos os seres humanos de forma igual, pois:

Para Beauvoir, forças externas e institucionais que delimitam a situação de cada sujeito operam de modo diferente e é por isso que as situações humanas não são equivalentes. Homens e mulheres, burgueses e operários, constituem sua subjetividade nas relações sociais e essas relações não os dotam das mesmas condições de resistência às limitações de sua ação no mundo. Beauvoir estava consciente, sobretudo, de que as relações sociais suprimem a liberdade – que de acordo com o existencialismo – existe em potência em todos os seres humanos (Candiani, 2018, p. 84).

Neste sentido, política e situação devem ser consideradas como duas questões relevantes ao pensar a liberdade. No contexto de guerra (especificamente a segunda guerra, por sua motivação de dominação e supremacia racial) torna-se quase

impossível não pensar no que é um ser situado, e quais as implicações disso nas diversas formas de opressão sofridas. Compreendemos, então, que o conceito de situação pode ser entendido como uma forma de descrever como os atravessamentos da vida de um indivíduo têm implicações em suas escolhas e ações. Quando analisamos e refletimos sobre os contos de *A mulher desiludida*, notamos que a autora descreve a situação em que cada uma das protagonistas se encontra, o que nos ajuda a compreender as implicações de suas ações, escolhas e comportamentos dentro do contexto de suas histórias e trajetórias de vida narradas de forma fictícia. Deste modo, situação é contexto, é intersubjetividade, é facticidade.

A noção de situação conecta-se com a de experiência vivida quando notamos a relação de ambos os significados e a importância que eles tem para a descrição de realidades e de condições, como a condição da mulher, do negro, do judeu, etc. Josiana Barbosa Andrade, em seu artigo *Simone de Beauvoir e a dimensão metafísica da existência: uma análise de A convidada*, afirma que:

A situação é constituída não somente por um lugar no espaço, mas como o indivíduo se relaciona com ele; ela envolve também tudo o que forma a sua individualidade, o seu passado, a sua formação, a sua classe, as suas relações, os seus projetos, etc. (Andrade, 2021, p. 513).

Pensar a situação, como constituída não só do espaço, da intersubjetividade, do passado etc. nos faz compreender que essas dimensões também compõem as experiências vivenciadas por esse indivíduo situado. Segundo Candiani: “Na obra de Beauvoir, situação é um conceito que se transforma e se torna cada vez mais refinado, mais complexo, incluindo mais elementos da experiência vivida e da ambiguidade intrínseca à condição de sujeito” (Candiani, 2018, p. 88). A partir dessa afirmação, podemos inferir que a experiência vivida pelos indivíduos compõe a situação que o posiciona no contexto de sua existência. Pensar a experiência vivida é pensar a situação e, a partir disso, podemos nos questionar, por exemplo, qual é a situação da mulher. Para responder a essa pergunta, tomamos de empréstimo as palavras de Heci Regina Candiani, quando afirma: “A situação da mulher é uma situação de alteridade radical: a mulher encarna a figura do Outro, em oposição ao homem que ocupa o lugar do Eu absoluto” (Candiani, 2018, p. 120). Ao ser colocada como o *outro*, a mulher aliena-se de si enquanto sujeito, e esse lugar em que foi posta é resultado não de uma decisão, de uma escolha, mas da facticidade. A cultura, a sociedade e o patriarcado impõem que nascer mulher necessariamente signifique ser o outro, e não sujeito.

A alteridade¹² pode ser percebida na literatura beauvoiriana tanto de modo sutil, como também explicitamente. Em *Monólogo*, a protagonista diz em dado momento: “Só eu sonho grande e seria melhor que limitasse minhas pretensões sempre me decepciono com tudo” (Beauvoir, 2014, p. 82). Essa afirmação nos leva a pensar que os sonhos e aspirações das mulheres são gradativamente podados desde a infância, quando começam a perceber que suas possibilidades de realização são menores do que imaginavam. Este trecho nos permite refletir sobre as possibilidades que realmente existiam para mulheres como Murielle, já que não lhes era permitido realizar sonhos aparentemente grandes demais, pois aspirações de grandes feitos eram restritas ao Sujeito. Ao se ver impossibilitada de realizar o que foi destinada para ser (mãe e esposa), a personagem se perde, aliena-se de si mesma, pois não sabe mais quem é e o que pode ser independente do outro. E isso mostra de forma latente a alteridade, pois, segundo afirma Candiani:

O que a autora busca é tentar estabelecer uma relação entre a condição de submissão das mulheres aos homens e o modo como esse processo – que não é um evento histórico definido no tempo – está ligado à alienação da mulher de sua condição de sujeito (Candiani, 2018, p. 118).

É a partir das experiências vividas desde a infância que a mulher se descobre mulher. “Beauvoir inicia a discussão sobre as experiências vividas analisando a infância como fase em que esse aprendizado sobre ‘ser mulher’ é mais intenso” (Candiani, 2018, p. 124).¹³ E é em algum momento desse processo que ela passa a alienar-se de si mesma. As experiências vivenciadas por uma mulher são o que determina sua situação de alteridade radical, e são o que nos permite descrever e compreender esses atravessamentos da existência feminina. Beauvoir utiliza a literatura e sua possibilidade imaginativa para construir histórias que nos permitam vislumbrar essas experiências, as quais podem ser vivenciadas por qualquer mulher. Candiani afirma, por exemplo, que “[...] as mulheres se tornam secundárias, os esforços devem partir delas, sua criatividade é esvaziada, o que tem um forte impacto em sua velhice (Candiani, 2018, p. 128). Isso nos permite lembrar da passagem de *A*

¹² Retornaremos ao conceito de alteridade no próximo capítulo, no qual buscaremos relacioná-lo com a disparidade de gênero no magistério filosófico.

¹³ A autora pensa a infância como o primeiro momento de descoberta; é neste momento que a realidade do ser mulher começa a se impor às meninas. Nosso produto educacional busca narrar a trajetória de uma menina que se descobre mulher, justamente por entendermos que é a partir daí que vão ser delineadas as situações, as experiências vividas e a alienação de si que se impõe como alteridade.

mulher desiludida em que a protagonista se vê responsabilizada por lutar pelo seu relacionamento quando descobre uma infidelidade do marido, já que, de acordo com o entendimento da época, “os esforços devem partir delas”.

Ao longo deste tópico, fizemos uma tentativa de apresentar em linhas gerais as noções de situação, experiência vivida e alteridade. Ao que podemos concluir que tais conceitos se conectam uns com os outros e nos auxiliam a interpretar e descrever a situação da mulher. Este percurso é importante para que possamos, através da análise da condição da mulher, compreender no próximo capítulo as razões pelas quais as mulheres são tratadas como são e enfrentam tal situação de desigualdade e disparidade. Observamos também que apesar de já passado mais de meio século desde a publicação de algumas das principais obras de Beauvoir que apresentam tais reflexões, notamos ainda a relevância dessa discussão atualmente, quando pensamos nas diversas questões que permeiam as singularidades do ser e tornar-se mulher. No próximo capítulo buscaremos pensar a formação docente e suas problemáticas em torno da questão da disparidade de gênero, analisando a baixa presença das mulheres e das discussões de gênero nos cursos de magistério filosófico.

3. 2º SEÇÃO: FORMAÇÃO DOCENTE: AUTOFORMAÇÃO COMO EXERCÍCIO DIDÁTICO-FILOSÓFICO, BREVES REFLEXÕES À LUZ DA FILOSOFIA BEAUVOIRIANA

Pensar a formação docente através de uma ótica feminista nos faz notar algumas questões importantes e problemáticas. Um dos problemas que buscaremos analisar e compreender diz respeito à preparação de professores e professoras, que, na maioria dos casos, perpassa os cursos de licenciatura ministrados nas universidades. Nesse ponto, já podemos observar algumas singularidades sobre a produção intelectual feita nos ambientes acadêmicos e a forma com que esses conhecimentos são replicados aos discentes. Esta seção também tem o intuito de buscar refletir e apresentar alguns questionamentos que dão conta especialmente das questões de gênero no ambiente universitário, em especial na formação de professores e professoras de filosofia e as consequências disso no ensino de filosofia no ensino médio.

Procuraremos compreender esse problema analisando alguns dados fornecidos no artigo intitulado *Uma interrogação acerca da relação entre a filosofia e as mulheres na universidade* (Andrade; Gontijo, 2020). Esse texto nos ajuda a ter uma noção de como se encontram as disparidades de gênero nos cursos de filosofia, para que, ao analisar e compreender a questão, possamos investigar também as raízes do que pode estar por trás disso. Também nos foram úteis na construção desse trabalho as informações coletadas na coluna “*Quantas filósofas?*”, disponível no site da *Rede Brasileira de Mulheres Filósofas*. Além desses trabalhos, consultamos o artigo intitulado *Uma introdução à filosofia feminista*, escrito pela professora Viviane Magalhães Pereira, que nos auxiliou a compreender as questões investigadas nesta seção.

Nossa investigação também tem por objetivo compreender o conceito de alteridade utilizado pela filósofa existencialista Simone de Beauvoir, para explicar as razões pelas quais as mulheres são colocadas como o “outro”, dificultando a possibilidade de que elas se estabeleçam enquanto *Sujeito*. Esse problema também perpassa a formação docente, uma vez que ao não estar no lugar de Sujeito, a mulher não está colocada em paridade em relação aos homens no processo de construção de saberes. Nosso intuito é refletir sobre a filosofia, a formação de professores e professoras e as questões de disparidade de gênero, relacionando-a com a ideia de autoformação apresentada por Alejandro Cerletti. Uma vez que na universidade há uma imensa disparidade quando pensamos nos autores e temas pesquisados, observamos uma presença muito discreta e pouco frequente de filósofas e teóricas mulheres como fonte de pesquisa e análise; nesse sentido, faz-se necessário ao futuro ou futura professora se autoformar, buscando munir-se desses conhecimentos.

Além de analisar a disparidade de gênero nos cursos de filosofia, tentaremos conciliar a proposta de formação docente sugerida por Cerletti, com as reflexões realizadas por Simone de Beauvoir na introdução de *O segundo sexo*, as quais dizem respeito à compreensão da possibilidade da mulher de se colocar como Sujeito. E, ao se colocar como “Um” e não como “Outro”, tornar-se protagonista da própria construção do conhecimento e, por consequência, da possibilidade de ser inserida nas questões que dizem respeito ao “que” ensinar. Centraremos a investigação sobre a formação docente e o conceito de autoformação no capítulo V da obra de Cerletti, intitulado *A formação docente: entre professores e filósofos*.

É importante pensar sobretudo a forma como os estudantes da graduação estão sendo ensinados para se tornarem professores de filosofia. Em que pese o fato de que já aprendemos na graduação temas e conteúdos selecionados por professores que, por sua vez, já tem suas preferências de leitura, autores e interpretações. Se, ao sermos ensinados durante o período de preparação para o exercício da docência nos deparamos com uma grade curricular em que prevalecem vertentes eurocentradas, sexistas e racistas¹⁴, que tipo de profissionais estamos nos tornando? Não podemos, obviamente, supor que apenas as aulas e temas escolhidos pelos docentes na graduação nos formam enquanto educadores e, nesse ponto, podemos concordar com Cerletti quando afirma que o professor não se forma apenas assistindo aulas de algumas disciplinas, mas se *autoforma*. Ainda assim, não devemos anular a influência que os professores e professoras que já nos ensinaram, e suas respectivas posições e escolhas filosóficas, têm sobre os docentes que somos e que continuamos a nos tornar.

Dialogaremos, portando, no primeiro tópico desta seção, com o artigo intitulado *Uma interrogação acerca da relação entre a filosofia e as mulheres na universidade* (Andrade; Gontijo, 2020) e *Uma introdução à filosofia feminista* (Pereira, 2023); no segundo tópico, com a obra do autor argentino Alejandro Cerletti, intitulada *O ensino de filosofia como problema filosófico*, ao qual daremos especial atenção ao capítulo V, que trata da formação docente; no terceiro tópico, intitulado “Alteridade: o *um* e o *outro*”, buscaremos definir o conceito de alteridade segundo os pressupostos estabelecidos por Simone de Beauvoir na introdução de *O Segundo Sexo*. Concluiremos esta seção do trabalho buscando apresentar uma interpretação para as razões das disparidades de gênero nos cursos de graduação com base na noção de alteridade, trazendo como proposta a ideia de autoformação desenvolvida por Cerletti como meio de amenizar tal problemática. Esperamos, com esse exercício de análise e reflexão, fortalecer o debate em torno das questões de gênero na academia, dando especial atenção aos cursos de magistério filosófico.

3.1. Disparidade de gênero na filosofia

¹⁴ Aqui não se trata de ignorar e/ou deixar de ler autores com essas características, pois sabemos que boa parte das produções filosóficas apresentam essa estrutura. Mas é importante que observemos com cuidado a forma como eles produzem e ancoram suas filosofias, e, também, devemos abrir caminho para estudos que contemplem outras perspectivas, sejam elas de gênero, raça ou classe.

Neste tópico, buscaremos compreender como as desigualdades de gênero que podem ser observadas na sociedade em diversos níveis e formas reverberam na filosofia e tomam forma nos cursos de graduação. Partimos do pressuposto de que as questões de gênero devem ser tomadas como problema filosófico, uma vez que as filosofias feministas e produzidas por mulheres possuem tanto valor epistemológico quanto o cânone filosófico – majoritariamente masculino – já tão amplamente divulgado e discutido nas universidades, pois “[...] os diferentes feminismos sempre tiveram que assumir um compromisso intelectual, para conseguir fazer frente a teorias hegemônicas sexistas e justificar sua existência” (Pereira, 2023 p. 219). Partiremos das reflexões desenvolvidas por Andrade e Gontijo quando afirmam que “apesar do acentuado crescimento no acesso da mulher ao ensino superior do país nas últimas décadas, é possível ainda verificar a reprodução de assimetrias do plano social no campo acadêmico” (Andrade; Gontijo, 2020, p. 254).

Quando pensamos na presença de mulheres nos programas de graduação e pós-graduação, é notório – mesmo com um olhar distante e não direcionado especificamente para as questões de gênero e/ou suscitado pelas filosofias feministas – que a presença de mulheres nesse ambiente ainda é muito desigual¹⁵, considerando os cursos de graduação em filosofia, e especialmente, o corpo docente. Gráficos construídos a partir de números extraídos da Capes possibilitam que pesquisas que buscam compreender essas questões sejam realizadas. A coluna “*Quantas filósofas?*”,¹⁶ disponível no site da *Rede Brasileira de Mulheres Filósofas*, traz dados importantes no que se refere à quantidade de docentes e discentes na pós-graduação, o que nos ajuda a ter uma dimensão do problema. Segundo a pesquisa, apenas 19.47% dos docentes do quadro permanente são mulheres, enquanto 80.53% são homens.

No artigo intitulado *Uma interrogação acerca da relação entre a filosofia e as mulheres na universidade* (Andrade; Gontijo, 2020), podemos observar uma análise um pouco mais ampla dessa problemática e algumas informações que evidenciam as questões apresentadas anteriormente. Apesar de nos cursos de licenciatura no Brasil

¹⁵ Isto é tão palpável que aqui podemos mencionar o fato de nessa que é a primeira turma do PROF-FILO na UFAC, ter apenas uma mulher.

¹⁶ Disponível em:

<https://www.filosofas.org/post/2019-percentual-de-discentes-matriculados-e-docentes-permanentes-do-sexo-feminino> acesso em 12 de janeiro de 2024.

terem aumentado a presença de mulheres, em algumas áreas, como a filosofia, ainda se vê uma quantidade inferior delas no corpo docente e discente. Isso impacta diretamente a formação de professores, e influencia a forma com que os futuros docentes do ensino básico reproduzem essa forma de pensar. Como apontam Magalhães e Gontijo, logo na introdução do texto:

A realização deste trabalho parte da hipótese da existência de mecanismos de resistência da filosofia na graduação em assumir as questões de gênero como problemas de interesse filosófico ou reconhecer a contribuição das mulheres nesta tradição de pensamento. Sugerimos – sem ignorar outras variáveis que atuam para a escolha da abordagem teórico-metodológica – assumida pelo professor da educação básica que a formação universitária em filosofia concorre para que os currículos e as aulas de filosofia no ensino médio também tendam a reproduzir o cânone consagrado, sem repercutir as inúmeras críticas ou problematizações a ele, enquanto também parte da construção do pensar filosófico (Andrade; Gontijo, 2020, p. 260).

Essas informações são relevantes sobretudo quando olhamos para o objeto de estudo e pesquisa dos e das docentes na graduação e na pós-graduação, já que há uma predominância de pesquisas em filósofos, sendo uma minoria de pesquisas em filósofas¹⁷ e/ou sobre as questões de gênero e filosofias feministas. É comum, portanto, que esse comportamento seja reproduzido nas escolas, uma vez que continua havendo a predominância desse tipo de pensamento e reflexão. Entretanto, mesmo quando há um crescente aumento da presença de mulheres em instituições de ensino superior, nem sempre isso significa que haverá o desenvolvimento de pesquisa e ensino que parta das reflexões sobre gênero, ou que se fundamente na filosofia feminista. Nesse sentido, concordamos com a professora Viviane Magalhães Pereira quando afirma:

Além de o número de mulheres que iniciam carreira no ensino superior e atuam como pesquisadoras na área de filosofia no Brasil ainda ser muito baixo, não basta que mulheres ingressem no ensino superior para que comecem a surgir estudos filosóficos feministas e estes tenham chance de ser reconhecidos pela comunidade acadêmica (Pereira, 2023, p. 203).

Para a pesquisa realizada por Andrade e Gontijo, os autores coletaram dados de 15 instituições de ensino superior dos quatro cantos do Brasil, buscando compreender onde há maior e menor incidência de disciplinas nos cursos de

¹⁷ Vale ressaltar que estudar e pesquisar mulheres não significa necessariamente estudar o feminismo ou as questões de gênero. Muitas autoras nem mesmo mencionam estes termos em seus trabalhos.

graduação que dão conta do pensamento produzido por filósofas, ou que envolvam os debates em torno das questões de gênero. Como podemos observar:

Na tentativa de responder a estas questões, foi realizado um levantamento de planos de cursos de disciplinas de filosofia ministradas em 15 universidades públicas brasileiras no primeiro semestre de 2017, predominantemente. Levantamos dados que ajudassem a compreender se a atividade de ensino e produção filosófica nas universidades se desenvolve atenta às implicações de gênero sobre seu campo profissional, com estratégias de reflexão e visibilização das produções filosóficas elaboradas por mulheres (Andrade; Gontijo, 2020, p. 264).

Neste estudo, foram analisadas as ementas dos cursos de graduação para identificar a presença ou ausência de bibliografias que dão conta dessa problemática, ou que apresentem como referencial principal uma filósofa. Importante observar que apesar de as ementas serem baseadas nas diretrizes curriculares dos cursos de filosofia, também é possível que o professor ou professora tenha liberdade na escolha de temas a serem discutidos e de referencial bibliográfico¹⁸. Nesse sentido, a formação do ou da docente, a especialização e escolhas no que se referem ao desenvolvimento de pesquisas podem influenciar na maneira como conduzirá a disciplina a ser lecionada, o que pode ser corroborado com a seguinte afirmação:

Assim, podemos afirmar que os programas dos cursos refletem não apenas as exigências institucionais, mas, também, concepções e posicionamentos teóricos, ao mesmo tempo em que endossam e informam as expectativas de aprendizagens acerca de uma área do conhecimento (Andrade; Gontijo, 2020, p. 264-265).¹⁹

Na imagem abaixo, observamos informações colhidas na pesquisa de Andrade e Gontijo que refletem sobre a existência de disciplinas que apresentem como tema central o gênero:

Tabela1- Gênero como objetivo central da ementa

	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	Resultado Geral
Disciplinas	0	1	0	0	1	2
Porcentagem	0%	0,76%	0%	0%	1,47%	0,52%
Total de disciplinas	52	131	78	54	68	383

¹⁸ Por exemplo, ao discutir o existencialismo, o que é, e suas características, é totalmente possível usar Simone de Beauvoir e seu texto “O existencialismo e a sabedoria das nações”, no qual a autora apresenta sua interpretação do que vem a ser o existencialismo e alguns de seus principais conceitos e bases de interpretação.

¹⁹ Sobre essa questão, ampliaremos a discussão ao tratarmos da ideia de autoformação apresentada por Cerletti.

Os dados apontam para uma triste realidade, a de que no ano em que a pesquisa foi realizada, apenas 2 das 383 disciplinas nos cursos de graduação analisados eram disciplinas voltadas para a questão de gênero. Isso evidencia a resistência existente nos cursos de graduação em filosofia em difundir filósofas e/ou pensadoras feministas. Tais decisões geram consequências para os alunos da graduação – em especial na licenciatura –, os quais acabam por se distanciar desses debates, muitas vezes não por falta de interesse, mas pelo apagamento que tais perspectivas enfrentam. Outra questão importante para pensarmos a disparidade no que se refere a pesquisa feita de, e por filósofas, diz respeito ao receio que algumas autoras e pesquisadoras têm em se vincular ao feminismo, o que pode ser evidenciado na passagem abaixo do trabalho da professora Viviane:

Outro ponto sensível que pode explicar “certo descompasso histórico em relação ao mesmo fenômeno [de surgimento do estudo da filosofia feminista] em outros países (nos quais este campo de pesquisas encontra-se em construção há mais tempo)” (ZIRBEL, 2018) é o fato de mesmo pesquisadoras que já fazem de algum modo filosofia feminista, e atuam nas universidades como pesquisadoras, às vezes terem resistência, mesmo sem saber, “em associar [...] seus estudos ao feminismo, uma vez que isso traria consigo uma carga negativa” (KUHNNEN; ZIRBEL, 2020, p. 267). Tania Kuhnen e Ilze Zirbel (2020, p. 263), duas estudiosas de ética feminista no Brasil, compreendem que faz parte dessa “carga negativa” o peso de ser rotulada de maneira estereotipada. Penso que um estereótipo comum, por exemplo, é associar o estudo de filosofia feminista a uma militância que exprime certo equívoco em relação ao trabalho filosófico (Pereira, p. 203-204).

Isso posto, é possível vislumbrar uma forma de interpretar a questão e pensar como a graduação pode reverberar na prática docente no ensino básico a ausência ou presença dessas discussões. Analisaremos no próximo tópico a definição da ideia de *autoformação* apresentada pelo autor argentino Alejandro Cerletti, para nos ajudar a compreender as implicações que a formação no magistério filosófico tem na prática dos futuros educadores. Esperamos que essas reflexões contribuam para a análise dessa problemática, oferecendo a definição proposta pelo autor argentino como uma forma de observar o problema e como meio para buscar possíveis soluções.

3.2 (Auto)Formação no magistério filosófico

O objetivo deste tópico é buscar compreender a noção de formação apresentada e defendida por Alejandro Cerletti na obra intitulada *O ensino de filosofia*

como problema filosófico. Anteriormente, buscamos sintetizar a disparidade de gênero nos cursos de graduação, em especial no que Cerletti chama de magistério filosófico. Agora, iremos nos dedicar a compreender como a formação – entendida pelo autor como *autoformação* –, pode ser uma alternativa ao modo como são formados os futuros professores e professoras na academia, o que, por sua vez, já ocorre de um modo enviesado por perspectivas eurocentradas e desconectadas de questões relativas ao feminismo e aos debates sobre gênero²⁰.

No capítulo V de sua obra, intitulado *A formação de professores: entre professores e filósofos*, o autor desenvolve seu argumento baseando-se na análise do que compõe a prática docente no ensino superior, especialmente nos cursos de licenciatura em filosofia. Cerletti observa que os docentes acabam, por meio de sua prática, influenciando a formação dos estudantes, pois sua própria abordagem foi construída a partir da formação que teve e por suas próprias escolhas acadêmicas. Desse modo, a singularidade de cada professor determina o andamento da disciplina e influencia diretamente a preferência dos estudantes, o que é evidenciado com a seguinte afirmação do autor argentino: “Em grande medida, acaba-se por ensinar como ‘se foi ensinado’. A prática docente concreta conta, então, com um panorama variado de condicionamentos e influências, quase sempre implícitos ou inconscientes” (Cerletti, 2009, p. 56). Essa mesma reflexão, podemos utilizar para compreender o ensino de filosofia no ensino médio. Tendo cada professor sido formado de uma maneira, essa formação reverbera na sua postura enquanto docente.

O autor centrará suas investigações no que seria “ensinar a ensinar filosofia” – o que considera ser o principal problema no magistério filosófico –, mas sem ignorar o fato de que há muitas outras problemáticas em torno da formação de professores de filosofia. Nesse sentido, o professor de filosofia em processo formativo não se forma apenas com a aprendizagem de conteúdos filosóficos, mas, na verdade, “vai-se aprendendo a ser professor desde o momento em que se começa a ser aluno” (Cerletti, 2009, p. 55). Isso acontece porque, com o passar do tempo, os estudantes vão internalizando a forma de ver e fazer filosofia que lhes foi apresentado, de modo que esses elementos, direta ou indiretamente, condicionam sua futura prática

²⁰ Sabemos que não é possível generalizar, certamente há pesquisas e estudos em filósofas e em temas feministas, mas ressaltamos aqui o caráter da disparidade, ou seja, não há paridade de gênero (ou igualdade) no que se refere ao desenvolvimento de pesquisas e estudos em filósofos e filósofas na graduação.

enquanto educadores. Existe, para o autor, um conjunto de suposições em relação às formas de ensinar a ensinar filosofia, mas ele concentra sua investigação em algumas especificidades da problemática em torno do “ensinar filosofia”, a qual, segundo ele, “[...] abre-nos um panorama de enorme complexidade e que deve de alguma maneira ter sido contemplado para encarar a atividade correlacionada de “ensinar a ensinar filosofia” (Cerletti, 2009, p. 55).

Aqui, cabe retomar um pouco da reflexão em torno da disparidade de gênero observada nos cursos superiores. Essa disparidade, para além de se refletir no fato de haver uma minoria mulheres na academia (seja como docentes, pesquisadoras ou alunas), também é evidenciada com o apagamento delas no chamado cânone filosófico, ficando desse modo excluídas do processo de construção dos saberes. Isso continua acontecendo, pois para além das escolhas que os docentes a nível superior têm, essas já são opções direcionadas para o tipo de filosofia mais estudada e aplaudida (a filosofia produzida em sua maioria por homens brancos, majoritariamente europeus)²¹. Somado a isso, temos a questão da institucionalização, como é observado pelo autor na passagem a seguir:

A função docente é uma representação complexa que está atravessada por várias questões. As tarefas acadêmicas que formam “o repertório de esquemas práticos do professor” não são adotadas ou inventadas de forma descontextualizada. São selecionadas de acordo com exigências que garantem a continuidade e a funcionalidade institucional (Cerletti, 2009, p. 56).

Essa digressão precisa ser feita para que possamos evidenciar como as questões relativas à disparidade de gênero impactam diretamente na formação de professores e professoras. Nesse sentido, observamos que há sim uma influência dos professores na formação de educadores em filosofia, mas, para além disso, os futuros docentes em filosofia também desenvolvem a sua própria maneira de compreender e de se relacionar com ela. Isso se deve ao fato de que, para o autor, o “equipamento pedagógico” utilizado pelo professor é permeado por um “conjunto de teorias implícitas, valores e crenças pedagógicas que formam um *a priori* que não deve deixar de ser levado em conta” (Cerletti, 2009, p. 57). Isso posto, somos levados a acreditar que os cursos de graduação são apenas uma fase inicial no processo formativo dos

²¹ Ressaltamos não haver problemas em estudar e pesquisar tais autores, eles são fundamentais para compreendermos diversas questões basilares do pensamento filosófico. O problema reside na desigualdade evidente no que se refere aos estudos e a presença de mulheres na construção desses saberes, limitando a participação delas e a possibilidade de serem lidas e pesquisadas.

docentes, pois muitos dos saberes recebidos na graduação são incrementados pelas suas próprias experiências e de sua prática em sala de aula, quando já for professor ou professora.

A partir dos apontamentos anteriores, podemos supor que não é possível depositar nossas expectativas apenas nesse momento inicial da formação de professores e professoras. Devemos pensar em toda a trajetória, inclusive o que antecede a entrada nos cursos de licenciatura. Cerletti aponta questionamentos que nos levam a refletir sobre de que modo um professor ou professora de filosofia se forma. Concordamos com a posição do autor de que não são apenas a grade curricular das disciplinas específicas e as aulas das disciplinas pedagógicas que preparam o futuro docente:

Um professor de filosofia não se “forma” tão somente ao adquirir alguns conteúdos filosóficos e outros pedagógicos, para então em seguida justapô-los. Em realidade, vai-se aprendendo a ser professor desde o momento em que se começa a ser aluno (Cerletti, 2009, p. 55).

Mesmo reconhecendo esses diversos fatores que convergem para o processo formativo, devemos observar que, enquanto alunos, somos profundamente influenciados pelas escolhas dos docentes em relação ao “que” ensinar. Se houver uma predominância de pensamentos sexistas e racistas nessas escolhas, mesmo que não seja consciente, isso contribui para que a formação desse aluno se baseie nessas formas de ler e interpretar o mundo. Muitas vezes, sem nos darmos conta, construímos a nossa própria forma de ensinar filosofia. Digo isso já a partir desse lugar de fala, o de professora. Elaboramos nossa forma de ensinar a partir da apreensão daquilo que julgamos mais adequado aprender e ensinar. O autor argentino enfatiza:

Na análise de toda atividade docente, é preciso levar em conta a bagagem de teorias implícitas, crenças pedagógicas, hábitos institucionais, etc., que conformam os saberes e as práticas que servem para manter uma coerência pessoal, em grande medida acrítica (Cerletti, 2009, p. 58).

Nesse sentido, a professora e o professor de filosofia se autoformam, ou seja, escolhem que linha de pensamento, pesquisa ou ensino pretendem seguir, com base no que lhes foi apresentado e iniciado no processo formativo. Ao pensar esse processo formativo, Cerletti nos aponta argumentos importantes sobre a autoformação, assinalando também os principais problemas encontrados no magistério filosófico. Uma das questões que considero importante destacar é que

realmente incorporamos no nosso repertório a abordagem de determinadas formas de pensar e fazer filosofia, reproduzindo a didática e a forma de leitura e interpretação utilizadas pelos nossos docentes na graduação.

Tomemos como exemplo a seguinte situação: digamos que a maior parte da grade curricular de determinado curso de graduação seja composto majoritariamente pelo que chamamos “filosofia sistemática”, e em algum momento do processo educativo nos deparamos com autores e autoras que não seguem essa mesma linha de produção filosófica. Ao ter por hábito analisar apenas textos sistêmicos, sentiríamos dificuldade de assimilar a proposta ou filosofia em questão. Cerletti exemplifica melhor essa questão ao apontar que:

Cada concepção de filosofia supõe um recorte de temas e uma proposta de acesso à filosofia (de transmissão ou ensino) porque vincula o *que* e o *como* ensinar de uma maneira particular. A formação que se teve impõe, mal ou bem, um *que* de leituras filosóficas canônicas e um *como* ensinar. Mas destaquemos que se trata de “leituras”, ou seja, de seleções e interpretações que foram feitas pelos professores que se teve. Como gosta de dizer Jorge Larrosa, cada um de nossos professores nos transmitiu a “sua biblioteca”. Mas também nos transmitiu uma forma de ler seus livros e uma forma de fazer pública essa leitura e, portanto, essa interpretação. Isso é o que nos “formou” em grande medida como filósofos ou filósofas e como professores ou professoras de filosofia. O que nos interessa marcar é que grande parte dessa aprendizagem que nos constitui como filósofos docentes nunca é tematizada, e suas influências, que são enormes, formam parte de uma espécie de naturalização de nosso passado acadêmico (Cerletti, 2009, p. 59).

Essas questões nos levam a pensar sobre como escolhemos, e como nos constituímos enquanto professores e professoras, até que ponto é influência dos professores que já tivemos, e até que ponto estamos seguindo nossas escolhas. Nesse sentido, aparecem questionamentos sobre a nossa relação com a filosofia, como: “[...] quando *eu* “aprendi” filosofia? “Que” aprendi? Como? etc., iniciando desse modo um processo de revisão do próprio vínculo com a filosofia, com o ensinar e com o aprender” (Cerletti, 2009, p. 62). Além dessas interrogações, penso que há mais questões e problemas, como, por exemplo: quem é esse indivíduo? Mulher, homem, negro, negra, branco, branca, indígena? Quais são suas escolhas políticas? Qual é o seu posicionamento em relação à forma que se vê no mundo? Tudo isso é determinante no processo de autoformação, uma vez que é isso que vai definir nossas escolhas teórico-metodológicas e nossa ação pedagógica. Sendo mulher, negra, filha

da classe trabalhadora e tendo consciência disso e da necessidade de reverberar esse posicionamento nos conteúdos que priorizo na sala de aula, e com base nas vivências que minha situação carrega, verifico a necessidade de evidenciarmos esse processo auto formativo como necessário à construção do repertório e das metodologias de trabalho desse professor ou professora.

Pensando numa proposta pedagógica que possa conciliar o que somos enquanto indivíduos, com o que devemos e/ou escolhemos ensinar, percebemos a necessidade de estabelecer um processo formativo que contemple, ou permita, o afloramento dessas singularidades²². Essa seria uma maneira de construir uma educação mais plural e que contemple a diversidade filosófica e social. Concordamos com o autor quando propõe que a condição do aluno ou aluna do magistério filosófico deveria ter como função principal:

[...] permitir tematizar aqueles aspectos prévios e contribuir para que cada estudante construa uma proposta filosófico-pedagógica pessoal de maneira fundamentada e responsável, que seja coerente com as linhas filosóficas que ele sustenta e que opere como uma espécie de hipótese geral para a futura atividade. Tal proposta constitui um ponto de articulação reflexivo e crítico, que vincula estrategicamente a biografia escolar e acadêmica dos alunos às suas decisões filosóficas e seu futuro “perfil” de professor. Posteriormente, a prática docente efetiva vai mostrar as virtudes ou as falências da proposta inicial, e dará lugar às modificações ou transformações que se creiam convenientes (Cerletti, 2009, p. 58).

Além disso, a formação docente, para o autor argentino, também deveria:

[...] “formar”, basicamente, alguém que esteja em condições de resolver o problema de ensinar filosofia, em situações diversas. Não alguém que tenha meramente “ferramentas” para ensinar, mas alguém que seja capaz de avaliar os supostos que acompanham as distintas ferramentas (filosóficas e pedagógicas, mas também sociais, de gênero, culturais, etc.) e por que foram assim desenhadas, com que objetivo, com que sentido. Isso permitirá que os futuros professores e professoras estejam em melhores condições para escolher os seus métodos e recursos para ensinar, em consonância com seu compromisso com a filosofia e com a educação (Cerletti, 2009 p. 63).

Nesse sentido, é importante tratar não somente o ensino de filosofia como um problema filosófico, uma vez que, além dessa etapa formativa ser apenas uma fase

²² Importante dizer que não devemos ignorar o currículo, especialmente no ensino médio, etapa em que os estudantes se submetem a processos avaliativos que determinam sua entrada no ensino superior, por exemplo. Alguns conteúdos são essenciais nesse processo para que, além de se submeterem a processos avaliativos, os estudantes consigam compreender o fazer filosófico e o que é a filosofia.

inicial, observamos, como já mencionado, que existem diversas singularidades do fazer filosófico. Os cursos de licenciatura não podem ser pensados como formativos apenas nas disciplinas que convencionamos chamar de pedagógicas, pois “Um futuro professor ou professora se “forma”, então, no decurso de toda sua formação, especialmente nas matérias “não pedagógicas” (Cerletti, 2009, p. 60-61). São nessas disciplinas não pedagógicas que vamos conhecer as áreas e pensadores e pensadoras da filosofia que mais nos chamam a atenção, e as quais vamos considerar fundamentais para nossas próprias concepções individuais do que vem a ser a filosofia, bem como quais conteúdos merecem ou não destaque nas nossas aulas quando, futuramente, estivermos na condução dessa disciplina no ensino básico.

Todas essas singularidades que observamos até aqui nos levam a refletir sobre as preferências que assumimos enquanto docentes, as quais influenciam nosso modo de ensinar e nossa postura de ensino. É notório que posições políticas e filosóficas influenciam nossa forma de agir no mundo, nossas escolhas e como se darão nossas relações na vida pessoal e no trabalho. Da mesma forma, um professor ou professora de filosofia, ao dar uma aula, está colocando nela um pouco (quase sempre muito) de si mesmo e de seu repertório intelectual, caso contrário, estaria alienando-se de seus feitos enquanto profissional. Por essa razão, concordamos com o autor quando afirma:

Converter a questão “ensinar filosofia” em um problema filosófico modifica também a sequência tradicional da didática da filosofia, que privilegia o “como” ensinar, para colocar então em primeiro lugar a análise do “que” ensinar. O “que” não será simplesmente um tema filosófico, mas segundo o que sustentamos até aqui, envolve uma tomada de posição perante a filosofia e o filosofar (Cerletti, 2009, p. 63).

A passagem mencionada acima pode ficar mais clara com um exemplo. Pensemos em um perfil de professor de filosofia, homem, branco, cristão praticante, defensor de “valores tradicionais” etc.; traçando um perfil como esse, podemos supor algumas preferências filosóficas que ficam por vezes aparentes durante o processo formativo, evidenciado pela valorização de filosofias que vão de encontro com o que ele acredita. Durante seu período formativo, enquanto aluno, provavelmente, terá se identificado mais com as filosofias sistemáticas de Platão e Aristóteles, e possivelmente nutrido admiração e ânimo por filosofias como as de Agostinho e Tomás de Aquino, teorias que supõem um *telos*, ou um *sumo bem*. Essa pessoa preferirá ter por objetos de conhecimento a serem expostos em suas aulas, quando

for docente, conteúdos que contemplem essas mesmas características, de modo a transmitir aos seus alunos um pouco de si através de suas escolhas filosóficas e de seu posicionamento enquanto indivíduo.

Podemos supor que o exemplo acima realmente possa ser observado na prática, e que, frente a isso, seria necessário que além de contemplar e respeitar essas individualidades, o futuro professor ou professora de filosofia também seja convidado a refletir sobre outras questões além das de seu maior interesse, para que não corra o risco de essa forma de ensinar ser a única possível a esse futuro educador ou educadora. Nesse sentido, Cerletti reitera que o que chama de formação seria, na verdade, autoformação, e que isso implicaria um movimento de pensar-se no mundo, mas também de pensar o mundo. Acreditamos que pensar o mundo também é estar aberto para a diversidade, de modo que concordamos com o autor na passagem a seguir:

[...] o que chamamos, em sentido estrito, “formação” não pode deixar de ser autoformação e isso implica trans-formação. Isso supõe o duplo movimento de pensar-se em um mundo e, em consequência, pensar o mundo. Em definitiva, constitui o desafio de transformar-se realmente em *sujeito* da educação, o que pressupõe deixar de lado as tutelas para converter-se em protagonista da própria formação (Cerletti, 2009, p. 64).

Ao pensarmos em nossas preferências por determinadas áreas ou autores e autoras da filosofia é comum que nos dediquemos com mais afincamento e paixão a algo que nos desperte a motivação e que faça sentido para nós (como evidenciamos no exemplo anterior), e, do mesmo modo, temos a tendência de reproduzir essa adesão íntima na prática docente. Ora, se na graduação, ao longo desse processo formativo, não nos são apresentadas concepções filosóficas que contemplem e admitam a produção feita por mulheres ou por filósofos e filósofas negros e negras, é comum que não sigamos esse caminho ao concluir a etapa de formação²³. Essas disparidades no que se refere aos temas discutidos nos cursos de graduação podem ser explicadas com alguns argumentos que Simone de Beauvoir utiliza para descrever a situação da mulher, que é colocada como o “Outro”, aquele que não pode ser pensado, pois não o é em plenitude, existe apenas enquanto oposição ao “Um”. Assim como a mulher,

²³ Não ignoramos a possibilidade de, mesmo conhecendo autores e perspectivas diversas (feministas, antirracistas ou decoloniais), os estudantes que virão a ser professores podem ainda assim não seguir esse caminho. Mas acreditamos que essa possibilidade é ainda mais reduzida caso eles não sejam expostos em nenhum momento a tais filosofias.

“os judeus são ‘outros’ para o antissemita, os negros para os racistas [...], os indígenas para os colonos, os proletários para as classes dos proprietários” (Beauvoir, 2019, p. 13). Sobre esse ponto, discorreremos mais amplamente no tópico seguinte.

3.3 Alteridade: o um e o outro e a noção de disparidade de gênero

Neste tópico, utilizaremos algumas das reflexões propostas por Simone de Beauvoir em sua magna obra, *O segundo sexo*. Iremos nos deter na análise do conceito de alteridade, o qual nos ajuda a compreender filosoficamente as origens do que chamamos anteriormente de disparidade de gênero. Faremos isso buscando as bases da obra, apresentadas na introdução do primeiro volume, intitulado *Fatos e mitos*, no qual a filósofa analisa a condição da mulher buscando compreendê-la em sua dimensão filosófica. Nesse volume da obra, Beauvoir também dialoga com os filósofos do que se convencionou chamar de “tradição”, seja para apontar alguns problemas em suas afirmações no que se refere à situação da mulher, ou para apresentar algum argumento ou reflexão que busque analisar e compreender o problema. Essa obra nos possibilita vislumbrar a importância de uma visão feminista sobre a condição da mulher na sociedade, e essa forma de problematizar a questão é profundamente filosófica, o que fica evidente na obra beauvoiriana.

Em *O segundo sexo*, Simone de Beauvoir busca desde a introdução nos apresentar alguns de seus principais focos de investigação. Neste trabalho, centraremos nossa investigação na relação do Um e do Outro, uma das problemáticas apresentadas pela autora, das quais decorre o que será chamado de alteridade. Segundo ela, “a alteridade é uma categoria fundamental do pensamento humano” (Beauvoir, 2019, p. 13), e observamos a importância da alteridade quando percebemos que é comum realizarmos reflexões com base em contrapontos, em ideias que suscitam uma antítese. Do mesmo modo, a alteridade se apresenta nas relações de gênero e implica algumas situações que rebaixam a mulher, e a tornam um não-ser, alguém que não produz conhecimento, por ser desprovido desta capacidade²⁴. Muitos filósofos e cientistas ao longo da história dedicaram algumas

²⁴ Muitos autores, desde teólogos a filósofos, buscam construir argumentos de que as mulheres possuem uma capacidade cognitiva muito limitada, diferente dos homens, que segundo eles são biologicamente mais capazes de utilizar a razão. No *Segundo Sexo* Beauvoir afirma que “Imbuídos da teoria do paralelismo psicofisiológico, procuraram estabelecer comparações matemáticas entre os

linhas de seus trabalhos a justificar a necessidade de manter as mulheres fora das esferas de produção de conhecimento.

Ao analisar as razões das tentativas de exclusão das mulheres na produção de saberes, a filósofa francesa afirma que “a humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo” (Beauvoir, 2019, p. 12). Não é difícil, portanto, estabelecer uma conexão da ausência de mulheres, na academia e na política, por exemplo, com a afirmação de que ela não é um ser autônomo, o que evidencia a frequente necessidade do rebaixamento delas no estatuto de Sujeito do conhecimento. Essas observações já nos mostram a profundidade do debate proposto pela autora, e apontam caminhos de interpretação frente ao debate em torno da disparidade de gênero nos ambientes acadêmicos e nos processos de formação de professores e professoras, o que é nosso objeto de investigação nesta seção do trabalho.

A autora pavimenta a discussão apontando no início de sua obra quais são as questões a que pretende responder. Para tanto, faz a seguinte reflexão: “Ademais, haverá realmente um problema? Em que consiste? Em verdade, haverá mulher? Sem dúvida, a teoria do eterno feminino ainda tem adeptos; cochicham: ‘Até na Rússia *e/*las permanecem mulheres’” (Beauvoir, 2019, p. 9). Essas perguntas e afirmações tentam ser respondidas na obra, frequentemente, por meio do diálogo com outros autores, ou na proposição de uma reflexão apontada pela própria autora sobre o problema. Seria o sexo biológico o único fator que distingue as mulheres dos homens? Ou seria a mulher uma construção social? Essas são perguntas que direta ou indiretamente aparecem quando nos propomos a pensar o que é uma mulher. Sobre essa questão, a filósofa afirma: “Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher” (Beauvoir, 2019, p. 10).

A interrogação acerca da definição de mulher é um questionamento antigo, pois essa atribuição dada a pessoas do sexo feminino é o que define sua posição e condição na sociedade. Existem, desse modo, reflexões sobre a definição do que é

organismos masculinos e femininos e imaginavam que essas medidas definiam imediatamente suas capacidades funcionais” (Beauvoir, 2019 p. 61). Esse tipo de argumentação foi igualmente utilizada em relação às pessoas negras, afirmava-se que os negros também tinham limitações cognitivas que advinham de sua própria estrutura biológica e genética. Desse modo, “Os estudiosos passaram a relacionar a imagem do homem branco ao mais puro conceito de progresso e a superioridade da raça branca, enquanto as demais raças eram adjetivadas como supersticiosos, ignorantes, irresponsáveis, infantis, preguiçosos e imorais” (Ferraz; Simioni, 2022 p. 183).

ser mulher de um ponto de vista essencialista, o que suscita afirmações como: “existe uma essência feminina”; ou seja, há questões que são parte do ser mulher (e que, em teoria, atravessariam igualmente todas as mulheres), e isso definiria o gênero feminino enquanto tal. Essa questão também pode ser respondida a partir de análises conceitualistas e que contrapõem tal posição sobre a essência feminina. Segundo a vertente conceitualista, o comportamento considerado feminino é resultado da situação. Já segundo os pressupostos nominalistas, as mulheres são apenas seres humanos designados pela palavra “mulher” (Beauvoir, 2019, p. 10). Observando essas formas de tentar definir o que seria a mulher, podemos perceber que nenhuma dessas respostas dão conta do problema com profundidade. Ao deparar-se com essas interpretações, a filósofa conclui:

Sem dúvida, a mulher é, como o homem, um ser humano. Mas tal afirmação é abstrata. O fato é que todo o ser humano concreto sempre se situa de um modo singular. Recusar as noções de eterno feminino, alma negra, caráter judeu, não é negar que haja hoje judeus, negros e mulheres; a negação não representa para os interessados uma libertação, e sim uma fuga inautêntica (Beauvoir, 2019, p. 10).

Afirmar que a mulher é como o homem, um ser humano, também é uma afirmação abstrata, como a própria autora diz na passagem acima. Pois, afinal, ficam ainda questões como: que ser humano é esse? A citação destacada também apresenta outras formas de alteridade, como as que existem entre negros e brancos, por exemplo, de modo que há uma profunda complexidade na construção de uma definição do que seria esse sujeito, seja ele ou ela mulher, ou negro. Uma coisa, porém, é evidente para Beauvoir: a humanidade se reparte em duas categorias. Essa repartição é clara, pois basta observarmos brevemente as pessoas para notarmos essa divisão, que vai desde as formas de se vestir e se comportar, até os espaços que podem ou não ocupar. Nesse sentido, cabe refletirmos sobre o que seria, portanto, o homem, para assim compreendermos a construção dessa dualidade. Segundo a filósofa, “O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos ‘os homens’ para designar os seres humanos, tendo-se assimilado ao sentido singular do vocábulo latino *vir* o sentido geral do vocábulo *homo*” (Beauvoir, 2019, p. 11).

Se o homem é ao mesmo tempo o positivo e o neutro, e representa, portanto, esse ser universal, o que seria a mulher? A essa questão, Beauvoir responde que a “mulher aparece como negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como

limitação sem reciprocidade” (Beauvoir, 2019, p. 11-12). Essas análises propostas pela autora nos conduzem para a compreensão das razões de haver essa alteridade relativa a homens e mulheres. Mas, para além disso, existem várias outras formas de justificar a existência do homem como *um*, e da mulher como o *outro*. A diferença entre os corpos masculinos e femininos, no que se refere à questão biológica, também é utilizada como forma de afirmar que as mulheres são inferiores aos homens. O homem “encara o corpo como uma relação direta e normal com o mundo, que acredita apreender na sua objetividade, ao passo que considera o corpo da mulher sobrecarregado por tudo o que o especifica: um obstáculo, uma prisão” (Beauvoir, 2019, p.12). Isso pode acarretar também que a forma como as mulheres encaram seus corpos muitas vezes seja a de prisões, pois apreendem o que lhes é imposto como condição.

Essas reflexões nos permitem conectar o conceito de alteridade com a ideia construída no início do tópico anterior, no qual nos propomos a analisar criticamente a ainda minoria de mulheres nos cursos de graduação, pós-graduação e na docência acadêmica em filosofia. Essa construção acerca do que seria o masculino e o feminino foi problematizada e defendida por uma série de pensadores e cientistas. Beauvoir, em sua obra, nos apresenta, a partir de uma visita a autores como Hegel, Aristóteles e Tomás de Aquino, a maneira como os filósofos veem as mulheres e como suas argumentações a favor da exclusão delas influenciaram a maneira como ainda hoje são vistas e tratadas na sociedade. “A fêmea é fêmea em virtude de certa *carência* de qualidades”, diz Aristóteles” (Beauvoir, 2019, p.12). Julien Benda, escritor e filósofo francês, é citado por Beauvoir para demonstrar essa falta de sentido da mulher e de seu corpo: “O corpo do homem tem um sentido em si, abstração feita do da mulher, ao passo que este parece destituído de significação se não se evoca o macho... O homem é pensável sem a mulher” (Beauvoir, 2019, 2019, p. 12 *apud* Benda, 1946).

Como é possível, então, pensar o “ser” mulher? Se, como vimos até aqui, ela nada mais representa do que o “não ser”? Quem é essencial e o que é o inessencial? Buscando uma resposta a essas questões, a autora afirma:

Ela não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o ‘sexo’ para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este

em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro” (Beauvoir, 2019, p. 12).

Colocada como o Outro, a mulher se situa numa categoria que pressupõe a dualidade, uma vez que só pode ser em relação a outrem. Nesse sentido, nossa autora, ao passo que confronta alguns filósofos, como os mencionados anteriormente, também se apropria de conceitos e definições que julga úteis à interpretação do que ela se propõe a investigar. Ao pensar a contraposição do “um” com o “outro”, a filósofa concorda com Hegel, ao afirmar que há “[...] na própria consciência uma hostilidade fundamental em relação a qualquer outra consciência; o sujeito só se põe em se opondo: ele pretende afirmar-se como essencial e fazer do outro o inessencial, o objeto” (Beauvoir, 2019, 2019, p. 14). Desse modo, ao observar essa pujante contradição, constatamos mais uma vez explicações e/ou justificativas para a inferiorização do “outro” em relação ao “um”. Colocada no lugar de outro, a mulher é limitada, e frequentemente impossibilitada de se colocar como um Sujeito. Diz a autora francesa: “Os homens dizem ‘as mulheres’ e elas usam essas palavras para designarem a si mesmas: mas não se põem autenticamente como Sujeito” (Beauvoir, 2019, 2019, p. 15).

As observações que realizamos, conectando a problemática da dualidade feminino e masculino com o conceito de alteridade, agora nos permitem pensar as maneiras pelas quais as opressões são impostas às mulheres. Sobre isso, podemos pensar, por exemplo, em uma questão que reflete sobre a possibilidade de as imposições se darem devido à existência de uma minoria numérica de uns, e maioria de outros (os que podem se impor). Considerando, porém, que as mulheres não são minoria, o que justifica sua situação de opressão? Como isso aconteceu? Beauvoir afirma que isso ocorre pois: “[...] Elas são mulheres em virtude de sua estrutura fisiológica; por mais longe que se remonte na história, sempre estiveram subordinadas ao homem: sua dependência não é consequência de um evento ou de uma evolução, ela não *aconteceu*” (Beauvoir, 2019, p. 14-15). A dependência das mulheres em relação aos homens lhes foi imposta não por um acontecimento, mas apenas em virtude de sua estrutura fisiológica (como argumentam alguns cientistas e teorias), e de sua suposta incapacidade de realizar atividades que somente os homens poderiam realizar.

A problemática em torno dessa “guerra de sexos” é tão *sui generis*, que é difícil pensarmos em uma solução definitiva para o problema, uma vez que “Se a mulher se enxerga como inessencial que nunca retorna ao essencial é porque não opera, ela própria, esse retorno” (Beauvoir, 2019, p. 14-15). É difícil para a maioria das mulheres se enxergarem como essenciais, uma vez que toda a história, e a estrutura da maioria das sociedades, foi construída em torno dessa noção. A problemática desenvolvida pela autora nesse trecho, aponta-nos para as singularidades no posicionamento das mulheres. Enquanto judeus, negros e proletários se unem em comunidade em prol de suas causas, por exemplo, as mulheres não têm um laço que as firme em um propósito coletivo que combata as opressões sofridas por elas. Como evidenciado na citação abaixo, os laços que unem homens e mulheres são tão sutis e profundos, que há para elas uma enorme dificuldade de superação e de união pelo fim da opressão do patriarcado.

Burguesas são solidárias dos burgueses e não das mulheres proletárias; brancas dos homens brancos e não das mulheres negras. [...] O laço que a une a seus opressores não é comparável a nenhum outro. A divisão dos sexos é, com efeito, um dado biológico, e não um momento da história humana. [...] O casal é uma unidade fundamental cujas metades se acham presas indissoluvelmente uma à outra: nenhum corte por sexos é possível na sociedade. Isso é o que caracteriza fundamentalmente a mulher: ela é o Outro dentro de uma totalidade cujos dois termos são necessários um ao outro (Beauvoir, 2019, p. 16).

Nesse sentido, é possível dizer que as relações de gênero em muito se assemelham à relação de senhor e escravo, pois ambos são unidos por uma necessidade. Ouso dizer, porém, que no caso da mulher essa necessidade foi construída, como fica evidente na seguinte passagem:

O senhor e o escravo estão unidos por uma necessidade econômica recíproca que não liberta o escravo. É que, na relação do senhor com o escravo, o primeiro não *expõe* a necessidade que tem do outro; ele detém o poder de satisfazer essa necessidade e não a mediatiza; ao contrário, o escravo, na dependência, esperança ou medo, interioriza a necessidade que tem do senhor; a urgência da necessidade, ainda que igual em ambos, sempre favorece o opressor contra o oprimido: é o que explica que a libertação da classe proletária, por exemplo, tenha sido tão lenta (Beauvoir, 2019, p. 17).

Ou seja, a urgência da necessidade é construída socialmente. Mulheres, mesmo hoje, no século XXI, ainda que em uma quantidade talvez menor que as contemporâneas de Beauvoir, sofrem com a urgência de se casarem. É necessário

atingir o ideal de casamento e de ter filhos para ter validação social. Uma mulher solteira e sem filhos é vista pela sociedade como uma solitária, infeliz, sem propósito, ou, por vezes, é considerada “aquela que ninguém quis”. Para o homem, porém, não há essa cobrança, não há a urgência, mas, mesmo quando há, ele não depende da mulher para ser validado enquanto sujeito.²⁵

Quando pensamos a escravidão ou no mínimo a condição de vassala imposta à mulher, que Beauvoir afirma existir, surgem diversas reflexões possíveis, as quais tornam essa afirmativa crível. Quando pensamos nos direitos civis, reprodutivos, de trabalho, as normas de comportamento e vestimenta etc., observamos o peso que há nessa afirmação e a correspondência dela com a realidade. Esses problemas nas relações entre homens e mulheres e no apagamento social delas fica demonstrado pela autora, quando afirma: “[...] o presente envolve o passado, e no passado toda a história foi feita pelos homens” (Beauvoir, 2019, p. 17). Se toda a história foi feita pelos homens, o que nos resta? É essa condição de desassossego, gerada pela enorme dificuldade de superação dessas problemáticas, que causa em muitas mulheres um sentimento de conformidade com a realidade em que se encontram.

A autora explica e interpreta esse processo de conformidade com a realidade, que, como consequência, concorre para a solidificação de barreiras contra a emancipação das mulheres, sugerindo que:

Efetivamente, ao lado da pretensão de todo indivíduo de se afirmar como sujeito, que é uma pretensão ética, há também a tentação de fugir de sua liberdade e de se constituir em coisa. É um caminho nefasto porque passivo, alienado, perdido, e então esse indivíduo é presa de vontades estranhas, cortado de sua transcendência, frustrado de todo valor. Mas é um caminho fácil: evitam-se com ele a angústia e a tensão da existência autenticamente assumida. [...] Assim, a mulher não se reivindica como sujeito porque não possui os meios concretos para tanto, porque sente o laço necessário que a prende ao homem sem reclamar a reciprocidade dele, e porque,

²⁵ Basta lembrarmos que as mulheres até pouco tempo não tinham autonomia nem mesmo para implantar o DIU (Dispositivo Intrauterino) sem a autorização do cônjuge. O que evidencia a ideia de que há uma profunda relação de dependência que somente aos poucos está sendo modificada. Sobre esse caso, pode-se verificar que a discussão foi pautada no estado da Paraíba, que em 2022 sanciona a lei que permite às mulheres utilizarem o contraceptivo sem autorização do cônjuge. Assembleia Legislativa da Paraíba, 2022. Disponível em: < <http://www.al.pb.leg.br/45299/agora-e-lei-mulheres-podem-colocar-diu-sem-autorizacao-do-companheiro.html#:~:text=Facebook%20Twitter%20Imprimir-AGORA%20%C3%89%20LEI%3A%20Mulheres%20conquistam%20o%20direito%20de,DIU%20sem%20autoriza%C3%A7%C3%A3o%20do%20companheiro>> Acesso em 23 de setembro de 2024.

muitas vezes, se compraz no seu papel de *Outro* (Beauvoir, 2019, p. 17-18).

A problemática em torno da questão da inferiorização das mulheres e submissão delas apresenta minúcias tratadas pela autora, ao refletir sobre a questão da subjetividade. É possível questionarmos a dificuldade que há em pensar a construção da liberdade diante da alienação da submissão. A autora afirma não ser esse um caminho fácil, no sentido de que assumir uma existência autêntica acarreta angústias provenientes dessa escolha. O fato de a mulher ter sido tratada como “coisa” ao longo de tantos séculos, e esse lugar de objeto tê-la alienado, ao mesmo tempo em que faz com que se evitem as necessidades de tomada de decisões, tornando sua existência inautêntica (pois sempre há quem decida por mim), faz com que o laço de dependência se aperte cada vez mais. Nesse sentido, há uma dualidade entre os sexos que pode pressupor conflitos: “Compreende-se que a dualidade dos sexos, como toda dualidade, tenha sido traduzida por um conflito. Compreende-se que, se um dos dois conseguisse impor sua superioridade, esta deveria estabelecer-se como absoluta” (Beauvoir, 2019, p.18).

Beauvoir, ao realizar todo esse percurso para investigar as questões apontadas para a relação *um* e *outro*, observa que algumas mudanças no que se refere aos papéis ocupados pelas mulheres na sociedade passam a ocorrer em meados do século XIX, como consequência da revolução industrial, uma vez que as mulheres não realizavam mais apenas o chamado trabalho reprodutivo, e passaram a atuar no trabalho produtor. Isso não quer dizer, porém, que o fato de mulheres ocuparem esses espaços tenha sido bem-visto pelos homens. Da burguesia à classe trabalhadora, os homens não viam com bons olhos a participação de mulheres no trabalho produtor, como fica evidente na passagem a seguir:

[...] a burguesia apegava-se à velha moral que vê, na solidez da família, a garantia da propriedade privada: exige a presença da mulher no lar tanto mais vigorosamente quanto sua emancipação torna-se uma verdadeira ameaça; mesmo dentro da classe operária os homens tentaram frear essa libertação, porque as mulheres são encaradas como perigosas concorrentes, habituadas que estavam a trabalhar por salários mais baixos (Beauvoir, 2019, p. 20).

Assim, podemos retornar às reflexões que dizem respeito ao que é ser mulher, pois isso explicaria tamanha intolerância à possibilidade de elas ocuparem os mesmos espaços que os homens. Para responder a essa questão, Simone de Beauvoir recorre ao conceito de *ser* proposto por Hegel:

A má-fé consiste em dar-lhes um valor substancial quando tem o sentido dinâmico hegeliano: *ser* é ter-se tornado, é ter sido feito tal qual se manifesta. Sim, as mulheres, em seu conjunto, são hoje inferiores aos homens, isto é, sua situação oferece-lhes possibilidades menores: o problema consiste em saber se esse estado de coisas deve se perpetuar (Beauvoir, 2019, p. 21).

Na passagem acima, a autora utiliza uma interpretação do que seria o conceito de *ser* hegeliano, para compreender a situação da mulher. O *ser*, sendo algo que se tornou ou que foi feito tal como se manifesta, indica que a inferioridade em que se encontram as mulheres constituiu-se desse modo, sendo elas uma espécie de construto do que os homens criaram. Eles as *tornaram* inferiores.

Todas essas afirmações e interpretações apresentadas até o momento, tornam claras as razões pelas quais há uma profunda disparidade de gênero na sociedade atual. É possível pensar também que esse lugar atribuído a elas é construto da situação que lhes é imposta, já que, segundo Beauvoir:

[...] o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição de outro. [...] O drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito que se põe sempre como o essencial e as exigências de uma situação que a constitui como inessencial. Como pode realizar-se um ser humano dentro da condição feminina? Que caminhos lhe são abertos? Quais conduzem a um beco sem saída? Como encontrar a independência no seio da dependência? Que circunstâncias restringem a liberdade da mulher, e quais pode ela superar? São essas algumas questões fundamentais que desejaríamos elucidar. Isso quer dizer que, interessando-nos pelas oportunidades dos indivíduos, não as definiremos em termos de felicidade, e sim em termos de liberdade (Beauvoir, 2019, p. 26).

Pensar a singular situação da mulher nos leva, na obra de Beauvoir, ao conceito de alteridade, o qual investigamos a partir das interpretações e análises da introdução de *O Segundo Sexo*, e na demonstração dos contrapontos apresentados pela autora ao longo do texto. Desse modo, buscamos neste tópico conectar o conceito à ideia de disparidade de gênero, para que pudéssemos compreendê-la e pensar em seus desdobramentos na formação de professores e professoras. Além disso, observamos também que a construção dessa noção de *outro* e *um* possui minúcias profundas que dificultam a luta pela emancipação das mulheres e pelo combate às desigualdades que nos perseguem desde o nascimento. Consideramos, porém, ser crucial trazer o debate à tona, em especial no contexto de um mestrado como o PROFFILO, que se propõe a debater sobre a formação e o ensino de professoras e professores de

filosofia. Trata-se de um tema de fundamental importância para o fortalecimento da luta por uma sociedade com menos desigualdade de gênero.

Não podemos ignorar que houve progressos desde o período da escrita de *O segundo sexo*, considerando todas as mudanças atuais. Mas devemos reconhecer que, apesar de todos os avanços, alguns direitos básicos ainda não foram conquistados, como a igualdade salarial absoluta, por exemplo. Podemos mencionar diversos outros exemplos que atestam o que estamos falando no que se refere às desigualdades entre homens e mulheres, pois isso se reflete na ocupação de cargos, espaços e, como vimos anteriormente, na produção de saberes. Ao pensarmos o ensino de filosofia e a formação de professores e professoras, é necessário reconhecer que há uma predominância no que se refere à construção e à transmissão de filosofias e teorias construídas por homens, uma vez que, como já observado e evidenciado por nossa filósofa, eles representam o sujeito universal. Ainda estamos no caminho para redescobrir e tirar do silenciamento autoras que, apesar das adversidades, produziram filosofias e teses robustas e dignas de nota. Podemos mencionar o exemplo da *Rede Brasileira de Mulheres Filósofas*, que divulga em suas mídias trabalhos que apresentam filósofas desconhecidas do meio acadêmico e que agora estão sendo redescobertas e pesquisadas. Nosso trabalho também busca contribuir com esse debate, oferecendo uma análise que se utiliza da filosofia feminista para compreender o processo de formação de professores e professoras no magistério filosófico.

3.4 Disparidade de gênero e a formação no magistério filosófico

Ao pensar esta etapa do trabalho, buscamos refletir sobre a formação de professores e sua relação com as disparidades de gênero, sobretudo no ambiente acadêmico. Concordamos com a tese do autor argentino Alejandro Cerletti quando afirma que o repertório e as escolhas que os docentes fazem na academia influenciam as escolhas e as preferências didático-metodológicas dos estudantes que se preparam para o magistério filosófico. Importante salientar também que a formação docente não se limita a esse processo de transmissão e assimilação de temas e conteúdos selecionados pelos docentes na universidade, mas que cada um também se autoforma. Assim, estamos de acordo com Cerletti quando diz que esse processo

acadêmico é apenas uma fase inicial ao que só será assimilado na prática, já que “[...] se trata de uma fase de iniciação. Os saberes práticos que regulam a atividade profissional são adquiridos predominantemente nas experiências concretas das aulas e na vida institucional” (Cerletti, 2009, p. 57).

Sobre as disparidades de gênero mencionadas e problematizadas no primeiro tópico deste trabalho, encontramos explicações para as raízes dessas questões na construção do conceito de alteridade proposto por Beauvoir. A autora enfatiza que se faz necessário olharmos para “[...] as *condições distintas que são dadas às mulheres*, seja biologicamente, seja historicamente” (Souza, 2021, p. 17, grifo nosso). Olhar para as condições em que se encontram as mulheres, no contexto do processo de formação de professores e professoras, nos permite interpretar de forma mais coerente a realidade encontrada por elas, sobretudo nos ambientes de produção e construção do pensamento científico-filosófico, e na formação de professores e professoras. Nossa autora também enfrentou no ambiente acadêmico situações em que suas opiniões e apontamentos eram julgadas por seus colegas homens como “coisa de mulher”: “Agastou-me, por vezes, no curso de conversações abstratas, ouvir os homens dizerem a mim: ‘Você pensa assim porque é uma mulher’” (Beauvoir, 2019, p. 12).

As distintas condições dadas à mulher foram e são impostas e justificadas pela sua inferiorização em relação ao “um”. Não ocupando o lugar de Sujeito, foi a elas dificultado o acesso à educação – o que é uma conquista recente, se considerarmos todo o processo histórico –, assim como a participação social, com o direito ao voto e a possibilidade de ocupar cargos públicos, por exemplo. A participação política também é conquista recente, bem como a igualdade salarial e muitos outros direitos que são conquistados com muita luta, dor e suor pelos movimentos feministas. Como consequência, esse lugar onde se situa a mulher, de não paridade no que se refere à presença delas nos ambientes acadêmicos, por exemplo, resulta na sua não valorização enquanto sujeito partícipe e/ou que constitui a construção de currículos, seja na educação superior ou no nível básico de ensino.

É necessário, portanto, o incentivo à participação de mulheres na pesquisa filosófica, além de inseri-las nas referências curriculares, buscando a paridade de gênero na formação de professores e no processo de ensino, para que, desse modo,

os professores e professoras em formação sejam expostos e influenciados por uma pluralidade de perspectivas e temas filosóficos. Nesse sentido, concordamos com Magalhães e Gontijo ao afirmarem:

Se existem fortes indícios de que as representações sociais de gênero e os estereótipos e preconceitos relacionados a elas sustentam, em grande parte, a configuração universitária ainda hoje, [...] então, é necessário que se invista também em ações concretas de enfrentamento dessas desigualdades. [...] Dessa maneira, além do engajamento teórico com a temática, reivindicam-se investigações que deem conta de oferecer mapeamentos diversos e constantes sobre a situação da mulher nas universidades: sobre as condições que determinam as formas variadas de seu acesso, levando em conta a progressão na carreira, a sua distribuição entre os cursos e níveis institucionais (Magalhães e Gontijo, 2020, p. 260).

Apesar de notarmos que os problemas observados na sociedade, em relação às desigualdades de gênero, são replicados no ambiente acadêmico, vimos através de nossa leitura da obra de Simone de Beauvoir que todo esse processo foi resultado de uma condição criada e atribuída às mulheres por diversos fatores. Na mesma medida em que essa condição nos foi dada, podemos, através de nossas lutas nos diversos espaços, acadêmicos ou não, propor mudanças nessas relações, para que possamos enfim construir novos valores, oferecendo condições distintas às que são impostas atualmente às mulheres. Nosso trabalho, nesse sentido, não tem apenas um caráter acadêmico de análise bibliográfica, reflexão e interpretação, mas busca se posicionar em alinhamento ao pensamento feminista. Propomos, além de uma análise crítica, a construção de um material a ser utilizado em sala de aula no ensino médio, como uma ferramenta que auxilie professores e professoras a difundirem as reflexões desenvolvidas por Simone de Beauvoir, e com isso facilitar e incentivar o debate em torno das questões de gênero no ambiente escolar e na disciplina de filosofia.

4. 3° SEÇÃO: PRODUTO EDUCACIONAL

4.1 Da proposta de produto educacional

A possibilidade de pensar a filosofia como prática pedagógica gera discussões que podem contribuir para conduzir a uma visão menos abstrata dessa área do conhecimento para nossos jovens, uma vez que ela é, muitas vezes, entendida como

desconexa da práxis diária. Muitos questionamentos são levantados ao longo das aulas, dentre os quais os principais são: o que é a filosofia? Qual a utilidade da filosofia? Importante ressaltar que a filosofia não pode ser entendida numa perspectiva meramente utilitária, isso seria reduzi-la a uma ferramenta que pode assumir diferentes usos dependendo da intencionalidade. Simone de Beauvoir, busca uma reconciliação da filosofia com a práxis cotidiana, uma vez que no pensamento da autora notamos que até mesmo a definição de alguns de seus conceitos principais – como o de situação – surgem a partir da experiência vivida por ela no contexto da Segunda Guerra Mundial, pois aquela brutal realidade a convoca a refletir sobre questões que outrora não pensava serem relevantes. Essa filosofia como modo de vida, ou uma filosofia vivida, nos convida a interpretar o pensamento de Beauvoir como uma possibilidade de descrever e analisar a realidade a que nos propomos analisar, a da situação das mulheres e a condição de alteridade imposta a elas que implica nas disparidades de gênero. Nosso produto educacional é uma tentativa de fornecer um material que auxilie na difusão do pensamento beauvoiriano nas escolas, e na oportunidade possibilitar também discussões sobre gênero e feminismo.

Ao consultarmos brevemente alguns livros didáticos²⁶ disponíveis para uso em sala de aula, notamos que há pouca bibliografia disponível para trabalhar a compreensão sobre o que vem a ser a questão de gênero numa perspectiva filosófica. Ao falar de feminismo, por exemplo, há conteúdos nas disciplinas de filosofia e sociologia que trazem a questão, porém, quando se trata de material didático, percebemos que esses temas são frequentemente abordados apenas pelo viés dos movimentos sociais feministas e/ou LGBT. Deste modo, nosso intuito com o produto educacional proposto é oferecer um manual didático que ampare e dê suporte para que professores e professoras possam abordar a temática na perspectiva do feminismo filosófico. Esse material foi confeccionado em forma de manual e/ou *e-book*, tentando problematizar as dimensões filosóficas do feminismo, e introduzindo a importância do pensamento beauvoiriano para compreender o que é ser mulher.

²⁶ Podemos mencionar aqui como exemplo o livro didático *Fundamentos de Filosofia*, de Gilberto Cotrim, que faz poucas menções ao longo de sua obra a filósofas, exceto por passagens (curtas) que menciona Hannah Arendt ou as lutas por direitos civis pela comunidade LGBT. Não faremos neste trabalho uma análise muito detalhada do assunto por não ser esse o principal objetivo de nossa investigação. Ao trazermos este assunto dos livros didáticos, vale ressaltar que estamos falando das obras disponíveis e em uso neste ano nas escolas no Acre, mas pode haver mudanças pois a escolha de novos livros acontece de quatro em quatro anos.

Apesar dos avanços na conquista por direitos das mulheres, podemos observar como as disparidades de gênero reverberam na sociedade, ao mostrar, por exemplo, a baixa presença de mulheres como objeto de estudo na sala de aula. A filosofia ainda não se abriu por completo a essa possibilidade²⁷, apesar de vermos incansáveis esforços de filósofas por difundir o pensamento de autoras e de inserir em seus trabalhos as discussões relativas a gênero e sexualidade. É como forma de oferecer uma contribuição a esse trabalho que surge nosso manual, intitulado “Descobrimo-se mulher”. Através dessa pesquisa, percebemos o quão cara é para Beauvoir a percepção e/ou descrição das experiências vividas por mulheres, e o quanto esses atravessamentos e facticidades constituem sua situação de alteridade frente ao sujeito masculino. O processo de tornar-se mulher é iniciado na infância, quando cada menina experimenta, seja através de suas vivências ou dos ensinamentos impostos pelos adultos, as limitações do que é ser mulher. É nesse período que se descobre o que não se pode fazer, mais do que o que se pode fazer, e no qual se entende qual a sua principal função e sentido, qual o seu telos, seu destino, sua finalidade. E é como forma de demonstrar isso, e convidar os alunos e alunas à reflexão, que desenvolvemos esta história.

4.2 Da confecção do produto educacional

A ideia de elaborar um manual didático que possa ser utilizado por professores e professoras no ensino médio (e, quando possível, no ensino fundamental), surgiu desde o início desta pesquisa por meio da leitura do livro *Feminismo um guia gráfico*, de autoria de Cathia Jenainati e Judy Groves. A obra de Jenainati e Groves se propõe a apresentar o feminismo de forma lúdica, dinâmica e de fácil compreensão, tornando possível a pessoas de diversas faixas etárias compreenderem o que é feminismo, suas diferentes vertentes, pensadoras, militantes e os principais direitos conquistados pelo movimento que se caracteriza pela luta em favor da emancipação das mulheres.

Essa intenção de trabalho tomou mais corpo e forma durante as aulas de Filosofia na Sala de aula, disciplina optativa que foi ministrada com maestria pela professora Juliana Missaggia, que por sua vez também orienta este trabalho. O processo de elaboração do produto educacional se deu a partir da solicitação de um

²⁷ Importante lembrar os avanços no currículo do Acre, mencionados na introdução deste trabalho, no que se refere às possibilidades de trabalhar essas questões e conceitos em sala de aula.

trabalho para essa disciplina, e foram sugeridas várias possibilidades de desenvolver a construção de um manual, seja por meio da criação de uma narrativa, ou mesmo de um jogo que apresente o tema central de nosso trabalho. Escolhemos construir o produto educacional de forma narrativa, por uma razão simples: uma das principais questões abordadas por nossa autora de referência é justamente a escrita literária como uma aliada da filosofia. Além disso, no ensino médio estamos lidando com um público jovem muito acostumado à fugacidade das rápidas consultas na internet e com dificuldades em reter informações. Além disso, há o fato de termos uma carga horária ainda muito pequena, que impossibilita trabalharmos conceitos, ideias e filósofos e filósofas com uma mínima profundidade e amplitude.

A escrita narrativa também nos possibilita uma maior liberdade criativa, uma vez que com ela podemos, ao nosso modo, construir do zero algo que dê conta de explicitar aquilo que gostaríamos de expor. Produzimos o manual utilizando uma plataforma *on-line* gratuita, o *Canva*, que já tem *templates* prontos, imagens e figuras que possibilitam explorar a construção de slides, e até mesmo histórias em quadrinhos, de forma que possamos ambientar a história com imagens e texto. Iniciamos escolhendo um *template* que acreditamos ter um apelo visual que evoque uma certa feminilidade, e, a partir disso, começamos a construir a história escolhendo figuras que representem nossa protagonista Simone, adicionando textos, contando a história e inserindo dinamicidade nela, ao adicionar setas que permitem navegar pela história conforme o desejo e a necessidade do leitor ou leitora. Explicaremos, a seguir, o enredo da história e o que nos levou a delimitar esse processo de descrição do descobrir-se mulher.

4.3 Descobrindo-se mulher

O título do manual *Descobrindo-se mulher* é inspirado na célebre frase de Simone de Beauvoir “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (Beauvoir, 2019 vol.2 p. 11), e tenta descrever o processo de descoberta de uma menina que passa a entender, por meio de seu convívio social e de suas experiências, as implicações do que é ser mulher. Essa jornada faz com que ela desperte o olhar para algumas questões que nunca tinham sido ensinadas antes a ela, nesse caso, o aprendizado em relação à sua consciência de gênero se dá através de sua experiência vivida nos

espaços sociais que demarcam e explicitam – por vezes quase violentamente – a distinção dos gêneros masculino e feminino.

Beauvoir entende que é na infância que começam a aparecer com mais intensidade as percepções relativas ao ser mulher, o que situa a menina e mostra a ela qual é a sua condição de existência, ou o seu ponto de partida. Por meio das limitações impostas ao seu gênero, a menina se vê destinada a realizar as aspirações impostas à mulher pela sociedade patriarcal. A forma pela qual os adultos mediam a compreensão do próprio corpo de meninos e meninas influencia a maneira como as crianças se veem. A afirmação de Candiani em sua tese de doutorado corrobora com a nossa afirmação:

A socialização investirá o menino de uma percepção de seu corpo como um privilégio e um instrumento de autonomia, ao mesmo tempo em que investirá a menina de uma percepção do corpo como passivo, como um objeto. O processo de socialização é, assim, um processo de reprodução de hierarquias entre meninos e meninas e, sobretudo, de supressão, na menina, do reconhecimento de sua condição de sujeito, de imposição de limitações a sua agência e às suas intenções de transgressão dessa ordem (Candiani, 2018, p. 125).

A alteridade começa a surgir nesse momento inicial, quando a menina começa a ter sua condição de sujeito suprimida pelo que se espera que ela seja. É na dureza da facticidade que a menina percebe, ou melhor, aprende, o que é ser mulher, e passa a associar isso como algo ruim, já que a ela não são abertas muitas possibilidades. A maioria das meninas experimenta na infância, durante esse processo de descoberta, um sentimento de raiva do próprio corpo, por não ter escolhido nascer nessa condição que lhe impõe tantas limitações. Afirmo isso mesmo sabendo de todos os avanços já conquistados pelos movimentos feministas, pois, apesar de podermos votar, de termos a possibilidade de escolher uma profissão, ingressar no ensino superior, no mestrado ou no doutorado, sabemos que as condições que enfrentamos não são as mesmas dos homens. A alteridade continua sendo um problema, especialmente vivendo em um dos países que mais mata mulheres no mundo.²⁸ Beauvoir em *O segundo sexo* afirma:

²⁸ O Brasil está entre os dez países que mais matam mulheres no mundo, o que nos assusta e prova que ainda que haja progressos sociais, no âmbito sociocultural a mulher ainda é vista como inferior, indigna, um *não ser*. É alarmante ver reportagens como a feita pela rádio Senado em 25/11/2024 informando que apenas em 2023 mais de 1.400 mulheres foram mortas no Brasil. Ver: *Anuário da ONU revela aumento da violência contra a mulher em todos os continentes*. Disponível em <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2024/11/25/anuario-da-onu-revela-aumento-da-violencia-contra-a-mulher-em-todos-os-continentes> acesso em 03 de março de 2025.

Um dos benefícios que a opressão assegura aos opressores é de o mais humilde destes se sentir um superior: um “pobre branco” do sul dos Estados Unidos tem o consolo de dizer a si próprio que não é “um negro imundo”, e os brancos mais ricos exploram habilmente esse orgulho. Assim também o mais medíocre dos homens julga-se um semideus diante das mulheres (Beauvoir, 2019, p. 21).

A última parte do trecho, sobre o sentimento de superioridade de homens medíocres, chama a atenção. Essa parece ser uma das explicações possíveis para o crescente número de mortes e agressões contra mulheres ao redor do mundo. A alteridade que resulta nessa inferioridade da mulher, nesse estatuto de não ser, faz com que ela seja – apesar dos direitos conquistados e das leis que visam a proteção da mulher – ainda hoje, alvo de agressões e inferiorização. Muitas de nós vivenciamos a violência, ou temos uma amiga que já vivenciou, e sabemos o quanto urge prosseguir na luta por um mundo onde essa desigualdade deixe de reinar.

Entendemos ser importante a digressão que fizemos, ao discutir a violência contra a mulher, pois essa é uma dimensão da condição de ser mulher experienciada e vivida por nós no cotidiano²⁹. Em *Descobrendo-se mulher*, Simone, nossa protagonista, vivencia as angústias de perceber que ela poderá ser alguém como sua mãe, uma mulher que abdicou de seus sonhos para se dedicar ao cuidado da família, e que por isso se vê acusada de “não fazer nada”. Simone começa a perceber formas de limitação de seu corpo e aparência: suas roupas precisam ser de determinada forma, seu cabelo tem que ser grande, ao sentar-se deve manter as pernas bem unidas; em outras palavras, é nesse momento que o corpo feminino começa a ser domado, disciplinado. A jornada de nossa personagem, criança leitora, curiosa e desbravadora, faz com que ela seja impelida a entender mais sobre essas questões, o que a motiva a pesquisar nos livros de sua escola e ocasionalmente, quando tem oportunidade, na internet, possíveis explicações para o que ela vem sentindo e pensando.

Nossa protagonista descobre então que existe uma filósofa que buscou explicar essas questões, e que o feminismo não é apenas um movimento social, mas uma linha de pensamento filosófico complexa, diversa e aberta a várias possibilidades, inclusive para pensar-se enquanto menina negra. Ao fim dessa jornada, a

²⁹ Nem sempre a violência é vivida pelas mulheres de forma física, mas simbólica, velada e por vezes até disfarçada de cuidado. Quando um companheiro impede sua namorada ou esposa de sair com suas amigas, força-a a cortar laços familiares, ou quando no ônibus uma moça é tocada sem o seu consentimento, a mulher também está sendo violada, invadida, invalidada.

personagem consegue compreender melhor sua vivência através da filosofia feminista de Simone de Beauvoir, e passa a não mais odiar ser mulher, mas a aceitar sua condição como facticidade, como algo que não pôde escolher, mas que não precisa – nem deve – ser uma condenação. Ao fim dessa narrativa, apresentamos algumas mulheres que transcenderam a sua condição de outro e buscaram, apesar da sua condição de mulher, realizar, não o que foi “destinada pela natureza para ser”, mas o que elas escolheram que deveriam ser e fazer.

Com essa proposta de intervenção educacional, que pode ser propiciada por nosso manual, esperamos gerar debate, discussão e, talvez, conscientização e interesse dos alunos e alunas em não apenas conhecer a filosofia e a literatura beauvoiriana, mas também serem convidados a refletir sobre como se veem enquanto sujeitos. Fomentar esse debate poderá gerar momentos de reflexão e fazer com que alguns alunos meninos repensem suas atitudes e os discursos que reproduzem, e estimular as meninas a buscar compreender sua situação, condição e as experiências que as tornam quem são. Esperamos que nosso trabalho contribua para isso, e para que o ensino de filosofia tenha uma ferramenta a mais a seu dispor para contribuir com as discussões de gênero e para debater e combater a disparidade de gênero em diferentes âmbitos da sociedade.

5. CONCLUSÃO

Quando somos convidados a pensar o que é a filosofia nos deparamos com as clássicas respostas: “filosofia é o amor pelo conhecimento”, ou, como afirmavam Deleuze e Derrida, “a filosofia é criação de conceitos”. Mas essas respostas introdutórias podem parecer a um ou uma jovem estudante de filosofia um tanto gerais ou abstratas, e são por vezes ignoradas conforme se avança nas pesquisas, leituras e estudos filosóficos. Simone de Beauvoir propõe pensar a filosofia não apenas como construção e elaboração de conceitos, ou como amor pelo conhecimento, mas como ferramenta que permite descrever a realidade de forma conceitual, além de ser também um modo de vida. São as próprias experiências vividas que nos permitem criar conceitos para explicá-las. E a literatura nos permite e nos convida a criar possibilidades e retratar de modo imediato os acontecimentos da vida cotidiana, o que, para a autora, tem caráter profundamente metafísico.

Beauvoir propõe, então, o romance metafísico, o qual envolve unir um pouco da filosofia e da literatura, permitindo descrever e elaborar novas possibilidades, por meio da capacidade inventiva literária e da atribuição de significado que a filosofia pretende fazer. A metafísica, para ela, nas palavras de Josiana Barbosa Andrade:

Para a filósofa, a metafísica não é um “sistema teórico”, mas uma das dimensões da existência humana, que ela identifica também como a dimensão filosófica. E, exatamente, por isso, ela não pode ser, de forma absoluta, negada, já que é uma parte constituinte da vida humana, que pode ser somente vivida e descrita, mas não explicada. (Andrade, 2021, p. 504)

Não sendo a metafísica mero sistema teórico, é, então, parte integrante e de fundamental importância para a vida humana; a metafísica é, portanto, vivida. Nesse sentido, a própria experiência nos leva a atribuir significados e elaborar conceitos. A própria experiência vivida por Beauvoir nos mostra isso, pois, quando a autora descreve o seu processo de conversão ao humanismo, relata que é impelida a abandonar sua percepção subjetivista do mundo e contemplar a intersubjetividade. É a partir dessas reflexões que a autora busca desenvolver seus conceitos de situação, experiência vivida e alteridade, tal como buscamos demonstrar no primeiro capítulo.

Ao apontar que a situação da mulher é a de alteridade radical, Beauvoir nos conduz a uma análise crítica desse processo de alienação de si mesma, a qual a maioria das mulheres experimenta no decorrer do seu processo de descoberta do “ser mulher”. As experiências vivenciadas pelas mulheres constroem essa alteridade, e as coloca no lugar de outro. Foram essas reflexões que nos levaram a pensar sobre as disparidades de gênero, e como essas desigualdades expressam na prática e na vivência diária das mulheres a latente alteridade radical. No exercício da profissão de professor ou professora de filosofia no ensino médio, podemos observar algumas questões que nos levam a analisar a desigualdade de gênero. Essa desigualdade não necessariamente se expressa no que se refere à quantidade de professores e professoras, mas quando olhamos para os conteúdos programáticos, percebemos que por muito tempo houve, e ainda há, desigualdades no que se refere à predominância de pensamentos e autores homens, e pouca presença e discussão de mulheres, de modo que verificamos existir um problema.

A trajetória do ensino de filosofia no Brasil, entre suas idas e vindas, trouxe muitas modificações, seja nos currículos, na obrigatoriedade de seu ensino até o fim

do nível médio, na distribuição de conteúdos e temas a serem ensinados e aprendidos, etc. Na introdução de nosso trabalho, analisamos brevemente as Orientações Curriculares do Acre e suas modificações ocorridas de 2010 a 2024. Percebemos, ao longo desses 14 anos de modificações no currículo acreano, no início as ausências e no fim a inclusão de assuntos e temas que permitem pensar e discutir feminismo e gênero na sala de aula. Compreendemos que esse é um avanço significativo em torno da questão, mas ainda há muitos obstáculos a serem transpostos. No segundo capítulo deste trabalho, após delimitarmos os conceitos de situação, experiência vivida e alteridade, pensamos a disparidade de gênero no magistério filosófico e suas implicações na formação de professores do ensino médio. Fizemos isso analisando informações fornecidas pela *Rede Brasileira de Mulheres filósofas*, com dados que apontam para a desigualdade de gênero nas universidades e nos cursos de pós-graduação, bem como utilizando o artigo intitulado *Uma interrogação acerca da relação entre a filosofia e as mulheres na universidade*, de Andrade e Gontijo.³⁰

Após nos dedicarmos a essa investigação em torno da disparidade e/ou desigualdade de gênero, dialogamos com o autor argentino Alejandro Cerletti, que em seu trabalho intitulado *O ensino de filosofia como problema filosófico*, propõe a noção de autoformação. Consideramos a ideia de autoformação relevante para pensar as possibilidades de análise da problemática relativa ao pouco estudo de autoras na graduação. Reconhecemos que, sim, há professores e professoras que apresentam em suas disciplinas autoras, filósofas e conceitos discutidos por elas; porém, ainda é desigual o tratamento dessas questões quando observamos a esmagadora maioria de trabalhos, currículos e planos de curso com a predominância de autores do sexo masculino. O processo formativo de professores e professoras de filosofia perpassa várias questões, como as escolhas do que ensinar, além das influências exercidas pelos docentes que escolhem textos, temas e abordagens para suas aulas a partir de suas próprias interpretações e visões de filosofia. Porém, a ideia de autoformação, nos mostra, segundo Cerletti, que não é apenas através do ensinamento de disciplinas pedagógicas e filosóficas que se forma um professor ou professora de filosofia, pois

³⁰ Em nossas referências constam mais estudos que apontam para a disparidade de gênero, mas, para este trabalho, optamos por utilizar essas fontes por analisarem a especificidade dessa disparidade na filosofia.

também se aprende a ser professor através da experiência e da vivência do exercício da docência.

Após essa reflexão sobre as disparidades de gênero e a noção de autoformação, buscamos conectar essas questões resgatando mais uma vez o conceito de alteridade, para que pudéssemos compreender e explicar essas desigualdades filosoficamente. Acreditamos, com isso, fornecer uma reflexão feminista à discussão sobre formação docente, pois contribuímos com o debate apresentando noções que nos permitem discutir as questões de gênero filosoficamente, o que nos conduz a uma melhor compreensão do problema, vislumbrando também as conquistas, os avanços, e as lutas que ainda precisam ser travadas. Ao fim deste trabalho propomos nosso produto educacional, um manual escrito de forma narrativa que se intitula “Descobrimo-se mulher”, o qual narra a trajetória de uma menina na descoberta do “ser mulher” e das implicações que isso acarreta.

Desde o início, ao pensar a execução deste trabalho, foi alvo de muita reflexão nossa a relação entre literatura e filosofia, pois julgamos que a primeira sempre teve muita importância no processo de desenvolvimento pessoal, cognitivo e intelectual. Chegamos a Simone de Beauvoir através da literatura, e, na época, com ressalvas à sua suposta ideologia feminista radical, da qual ela ainda é acusada por muitos meios de comunicação – especialmente os conservadores e defensores do lema “Deus, pátria, família e liberdade”. Porém, a leitura e proximidade com seus textos me mostrou seu engajamento e como ele se refletia na criação de suas histórias, o que nos convida – ou melhor, convoca – a buscar compreender melhor as dimensões existenciais e filosóficas de seu pensamento. Desenvolver um trabalho que relacione literatura e filosofia pareceu, num primeiro momento, um desafio enorme a ser transposto, mas o contato posterior com obras como *Literatura e metafísica* e *Sartre e a literatura engajada: espelho crítico e consciência infeliz* ajudou a desenvolver e relacionar os aspectos literários e filosóficos na obra beauvoiriana, e nos permitiu também observar as possibilidades de pensar a literatura como aliada da filosofia no processo fenomenológico de descrição da realidade.

Além de todas essas problemáticas encontradas, ainda nos deparamos com o desafio da construção de um produto educacional, o que nos possibilitou colocar em prática algumas das questões discutidas e propostas ao longo desta pesquisa. Esperamos que nosso trabalho contribua para a discussão em torno da formação

docente no magistério filosófico, fornecendo também, com nosso manual, uma ferramenta a mais na luta por uma educação mais igualitária, e por uma filosofia que contemple o pensamento de filósofas, e estimule mais meninas e mulheres a fazer filosofia e vivê-la, tal como Beauvoir propõe que a vivamos.

REFERÊNCIAS

I – OBRAS DE SIMONE DE BEAUVOIR

Beauvoir, Simone de. *Philosophical writings*. Illinois, Chicago: University of Illinois Press: 2004.

_____. *Feminist writings*. Illinois, Chicago: University of Illinois Press: 2015.

_____. *Literature and metaphysics*, Chicago: University of Illinois Press: 2008.

_____. *A mulher desiludida*. Trad. Helena Silveira, Maryan A. Bom Barbosa. [Ed. especial]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

_____. *Os mandarins*. Trad. Hélio de Souza. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

_____. *O Segundo sexo vol. 1: Fatos e mitos*. Tradução Sérgio Milliet. – 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

_____. *O Segundo sexo vol. 2: A experiência vivida*. Tradução Sérgio Milliet. – 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

_____. *Por uma moral da ambiguidade*. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

_____. “Literatura e metafísica”. In: DE BEAUVOIR, Simone. *O existencialismo e a sabedoria das nações*. Trad. Manuel de Lima e Bruno da Ponte. Lisboa: Minotauro, 1967.

_____. “Idealismo moral e realismo político”. In: DE BEAUVOIR, Simone. *O existencialismo e a sabedoria das nações*. Trad. Manuel de Lima e Bruno da Ponte. Lisboa: Minotauro, 1967.

_____. “O existencialismo”. In: DE BEAUVOIR, Simone. *O existencialismo e a sabedoria das nações*. Trad. Manuel de Lima e Bruno da Ponte. Lisboa: Minotauro, 1967.

II – COMENTADORES E COMENTADORAS DE BEAUVOIR

Andrade, Josiana Barbosa. *Simone de Beauvoir e a dimensão metafísica da existência: uma análise de A convidada*. Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte, Porto Alegre, volume 3, número 1, p. 495 - 528, maio de 2021.

_____. *Moral beauvoiriana qua método: por um retorno a Simone de Beauvoir*. *Seara filosófica*, n. 21, p. 105-124, 2020.

_____. *Um retorno à Simone de Beauvoir: Estudo do drama da coexistência à luz da gênese e estrutura da filosofia beauvoiriana*. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, p. 315. 2022.

Candiani, Heci Regina. *A tessitura da situação: a trama das opressões na obra de Simone de Beauvoir*. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de filosofia e ciências humanas, p. 190. 2018.

Candiani, Heci Regina. *O que pode ser criticado nas críticas a O Segundo Sexo*. Cadernos Pagu número 56, 2019.

Mano, Maíra Kubík. *As mulheres desiludidas: de Simone de Beauvoir à “ideologia de gênero”*. Cadernos Pagu número 56, 2019.

Mota, Alda Brito da; Sardenberg, Cecília (org.). *Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas*. Salvador: NEIM/UFBA, 2000.

Moraes, Maria Lígia Quartin de; Santos, Magda Guadalupe dos. *Simone de Beauvoir e a escrita dos feminismos*. Cadernos Pagu número 56, 2019.

_____. *Beauvoir e a situação das mulheres: entre subjetividade e facticidade*. etic@ - Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, v. 17, n.2, 2018, p. 217-237.

Rios, Elane Nardotto. *Simone de Beauvoir por ela mesma e por nós, mulheres do hoje: curso de extensão – IFBA*. Ibicaraí, BA: Via Litterarum, 2022. 64 p.

Simons, Margaret A. *Introduction*. In: Beauvoir, Simone de. *Philosophical writings*. Illinois, Chicago: University of Illinois Press: 2004.

Seus, Beatriz da Silva. *Simone de Beauvoir e a libertação da mulher: do existencialismo sartreano à moral da ambiguidade*. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, p. 102. 2018.

III – DISPARIDADE DE GÊNERO

Andrade, Megue Magalhães de; Gontijo, Erginaldo Pedro. *Uma interrogação acerca da relação entre a filosofia e as mulheres na universidade*. Problemata: R. Intern. Fil. V. 11. n. 3 (2020), p. 258-281.

Lima, Michele Castro. *A feminização do magistério: O lugar da mulher como professora no Triângulo Mineiro e Alto Paraíba*. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 20, n. 67, p. 1706-1732, out./dez. 2020.

Lopes, Rosiane. *Desigualdade de Gênero é maior nos níveis mais elevados da carreira acadêmica*. Jornal da USP: São Paulo, 22/06/2023 Disponível em <<https://jornal.usp.br/diversidade/desigualdade-de-genero-e-maior-nos-niveis-mais-elevados-da-carreira-academica/>> acesso em 03 de março de 2025.

Quantas mulheres? Disponível em <https://www.filosofas.org/post/2019-percentual-de-discentes-matriculados-e-docentes-permanentes-do-sexo-feminino> acesso em 12 de janeiro de 2024.

Relatório traz novos dados sobre percepção dos direitos humanos e desigualdade de gênero no Brasil. ONU Mulheres Brasil, 19/01/2024 Disponível em <<https://www.onumulheres.org.br/noticias/relatorio-traz-novos-dados-sobre-percepcao-dos-direitos-humanos-e-desigualdade-de-genero-no-brasil/>> acesso em 03 de março de 2025.

IV – ORIENTAÇÕES CURRICULARES

ACRE. *Plano Curricular 2010-2020*. Rio Branco: Secretaria de Educação Cultura e Esportes: 2010.

ACRE. *Orientações Curriculares 2021-2024*. Rio Branco: Secretaria de Educação Cultura e Esportes: 2021.

ACRE. *Quadro organizador de ciências humanas e sociais aplicadas 2024-*. Rio Branco: Secretaria de Educação Cultura e Esportes: 2024.

Brasil. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

V – ENSINO DE FILOSOFIA E FORMAÇÃO DOCENTE

Barra, Eduardo Salles de Oliveira; Barreira, Marcelo Martins. *A intervenção como prática constitutiva do PROF-FILO*. Revista Kalagatos p. 140-156, 2021.

Cerletti, A. *O ensino de filosofia como problema filosófico*. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2009. – (Coleção Ensino de Filosofia).

Silva, F. L. e. *Por que filosofia no segundo grau*. Estudos Avançados, [S.l.], v. 6, n.14, p. 157-166, 1992. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9571> acesso em 17 de junho de 2023.

Velasco, Patrícia del Nero. *O estatuto epistemológico do Ensino de Filosofia: uma discussão da área a partir de seus autores e autoras*. Pro-Posições p. 1-26, 2022, Campinas: São Paulo.

_____. *O que é isto – o PROF-FILO? O que nos faz pensar*. Rio de Janeiro, v.28, n.44, jan.-jun. 2019, p.76-107.

Murcho, Desidério. *A natureza da filosofia e o seu ensino*. Lisboa: Plátano, 2002.

VI – REPORTAGENS E ENTREVISTAS

Anuário da ONU revela aumento da violência contra a mulher em todos os continentes. Disponível em <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2024/11/25/anuario-da-onu-revela-aumento-da-violencia-contra-a-mulher-em-todos-os-continentes> acesso em 03 de março de 2025.

Assembleia Legislativa da Paraíba, 2022. Disponível em: <<http://www.al.pb.leg.br/45299/agora-e-lei-mulheres-podem-colocar-diu-sem-autorizacao-do-companheiro.html#:~:text=Facebook%20Twitter%20Imprimir,.AGORA%20%C3%89%20LEI%3A%20Mulheres%20conquistam%20o%20direito%20de,DIU%20sem%20autoriza%C3%A7%C3%A3o%20do%20companheiro>> Acesso em 23 de setembro de 2024.

Canal Alonso Moreira. *[Feminismo] Entrevista com Simone de Beauvoir em 1975 - Porque me considero uma feminista?* Canal Alonso Moreira 2016. 1 vídeo (40min.). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=YxUKvtW-8Ww> acesso em 03 de março de 2025.

Canal Sala de aula. *Simone de Beauvoir Fala [1959, legendado em português]*. Canal Sala de aula 2021. 1 vídeo (48min.). Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=BRoW0c_tw4 acesso em 03 de março de 2025.

Não basta ser mulher. Entrevista com Simone de Beauvoir. Instituto Humanitas Unisinos: São Leopoldo, RS. 28/09/2024. Disponível em <<https://ihu.unisinos.br/categorias/644150-nao-basta-ser-mulher-entrevista-com-simone-de-beauvoir>> acesso em 03 de março de 2025.

VII – DEMAIS OBRAS

Atwood, Margaret Eleanor. *O conto da aia*. Tradução de Ana Deiró. – Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

COTRIM, Gilberto e FERNANDES, Mirna. *Fundamentos de Filosofia*. 4º ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

Davis, Angela. “Feminismo e abolicionismo: teorias e práticas para o século XXI”. In: Davis, Angela. *A liberdade é uma luta constante*. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2018.

DELEUZE, G e GUATTARI F. *O que é a filosofia*. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 1993.

Ferraz, Fabiane Barbosa; Simioni, Rafael Lazzarotto. *Tradução das teorias raciais no contexto brasileiro*. R. Katál., Florianópolis, v.25, n. 2, p. 181-190, maio-ago. 2022.

Flynn, Thomas. *Existencialism: a very short introduction*. Oxford University Press: New York, 2006.

GALLO, Silvio. *Filosofia: experiência do pensamento*. 2. Ed. São Paulo: Scipione, 2016.

Merleau-Ponty. “O metafísico no homem”. in: MERLEAU-PONTY, Maurice. *Os pensadores*. Trad. Marilena Chauí. São Paulo: Abril cultural, 1975.

Metafísica. In: Ferrater J. Mora, *Dicionário de Filosofia tomo III*. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004. P. 1943.

Missaggia, Juliana Oliveira. “Fenomenologia e feminismo: introdução e defesa de um diálogo fecundo” In: Pacheco, Juliana (org.) *Mulher e filosofia: as relações de gênero no pensamento filosófico*. [recurso eletrônico] – Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2015.

_____. *O problema do sujeito político do feminismo: reflexões a partir de um viés decolonial*. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 45, p. 293-310, 2022, Edição Especial.

Jenainati, Cathia. *Feminismo: um guia gráfico*. Ilustrações de Judy Groves, Jem Milton; tradução de Beatriz Medina. Rio de Janeiro: Sextante, 2020.

Sartre, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 2014.

_____. *A náusea*. Trad. Rita Braga; Prefácio Caio Liudvik. – 26. Ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

Souza, Thana Mara de. *Sartre e a literatura engajada: espelho crítico e consciência infeliz*. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. *Feminismo e existencialismo*. *Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na filosofia*, V. 7, N. 2, 2021, p. 15-27.

Jaeger, Werner Wilhelm. *Paideia: a formação do homem grego*. Tradução: Artur M. Parreira. Ed. 6. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

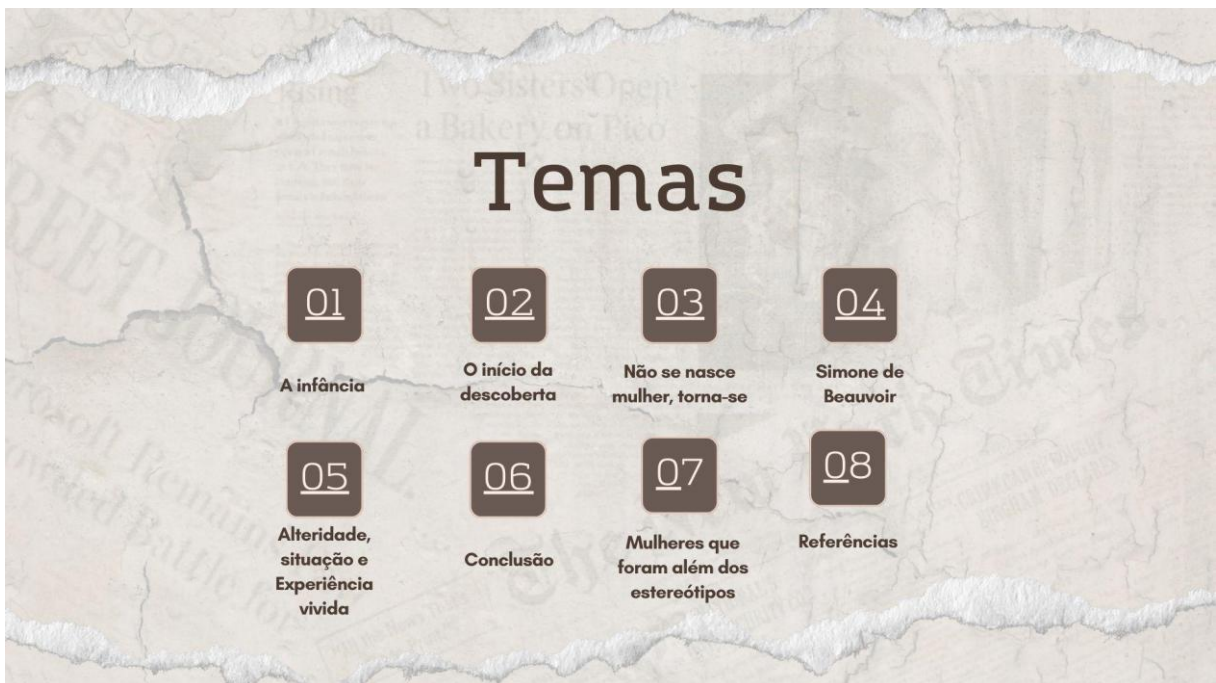
Pereira, Viviane Magalhães. *Uma introdução à filosofia feminista*. *Sapere aude – Belo Horizonte*, v. 14 – n. 27, p. 202-222, Jan./Jun. 2023.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

Vieira, Taís Lima *et al.* *Discursos que inventam corpos dissidentes: Decisões judiciais constituindo mulheres trans*. *Revista Diversidade e Educação*, v. 9, n. 2, p. 18-39, 2021.

APÊNDICE

Descobrendo-se mulher³¹



³¹ Para acessar a história com a função de interatividade acesse o link https://www.canva.com/design/DAGJQEao7Vw/oLsMOjD0MQwddMSMKKS0CA/edit?utm_content=DAGJQEao7Vw&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton e clique no botão apresentar em tela cheia disponível no canto inferior direito da página. Para ver em pdf copie e cole este link no seu navegador de preferência: [file:///C:/Users/Alana%20Acса%20Brito/Downloads/Descobrendo-se%20mulher%20-%20uma%20pequena%20hist%C3%B3ria%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Alana%20Acса%20Brito/Downloads/Descobrendo-se%20mulher%20-%20uma%20pequena%20hist%C3%B3ria%20(1).pdf)

A infância



Quando criança, Simone costumava ser criativa, ativa e sempre tomava iniciativa. Mas ao longo do tempo foi percebendo alguns detalhes em sua existência que limitavam suas ações e escolhas. Sendo menina, não lhe importava quando lhe diziam que suas brincadeiras favoritas eram coisas de menino e que ela deveria brincar com suas bonecas, o que ela também gostava de fazer. Com o passar do tempo, Simone começou a perceber algumas questões em seu próprio corpo que a faziam se questionar sobre o seu lugar no mundo... Apesar disso, para ela, a vida era como uma grande caixa, cheia de brinquedos diversos com os quais pudesse brincar e aprender.

[Voltar](#)

O início da descoberta

A escola

Ao começar a frequentar a escola, Simone percebeu uma separação ainda mais explícita entre o que são "coisas de menina" e "coisas de menino". Notou também que seu comportamento muitas vezes precisava ser contido... a forma de se sentar, de falar, de se vestir... enquanto dos meninos não era cobrado que se sentassem e falassem diferente. Isso para ela era muito estranho e injusto...

O que sou e o que posso fazer?

Não tardou a surgirem questionamentos como esse na mente de Simone. Para ela, era muito difícil assimilar a ideia de que os meninos tinham mais liberdade de agir e se comportar e ela teria que ajustar o seu comportamento. Essas questões levaram Simone a assumir uma postura mais quieta e reflexiva, o que a levou a deixar de brincar e agir como gostava.

[Voltar](#)



Não se nasce mulher, torna-se?

Após se deparar com os dilemas da existência enquanto menina, Simone manteve seu comportamento contido, sentia-se condicionada a isso devido a tudo o que via e ouvia sobre o que se esperava que uma menina fizesse, via em sua mãe alguém que ela mesma não queria ser, uma mulher que abdicou de seus sonhos para cumprir com seu "destino". Refugiando-se na leitura, Simone encontrou nos livros histórias que não diziam o oposto do que ela via na experiência vivida por ela, mas que também despertavam um olhar crítico sobre qual seria o papel da mulher. Percebeu que, quando criança, até desejava ter nascido menino, pois achava que dessa forma seria mais livre e feliz, mas a sociedade a fez mulher... Em suas pesquisas sobre seus livros favoritos, deparou-se com estudos sobre o papel da mulher na sociedade. Em um dos vídeos que ela viu na internet, mencionava-se a frase: "não se nasce mulher, torna-se". Isso instigou a sua curiosidade.



Como se torna mulher?

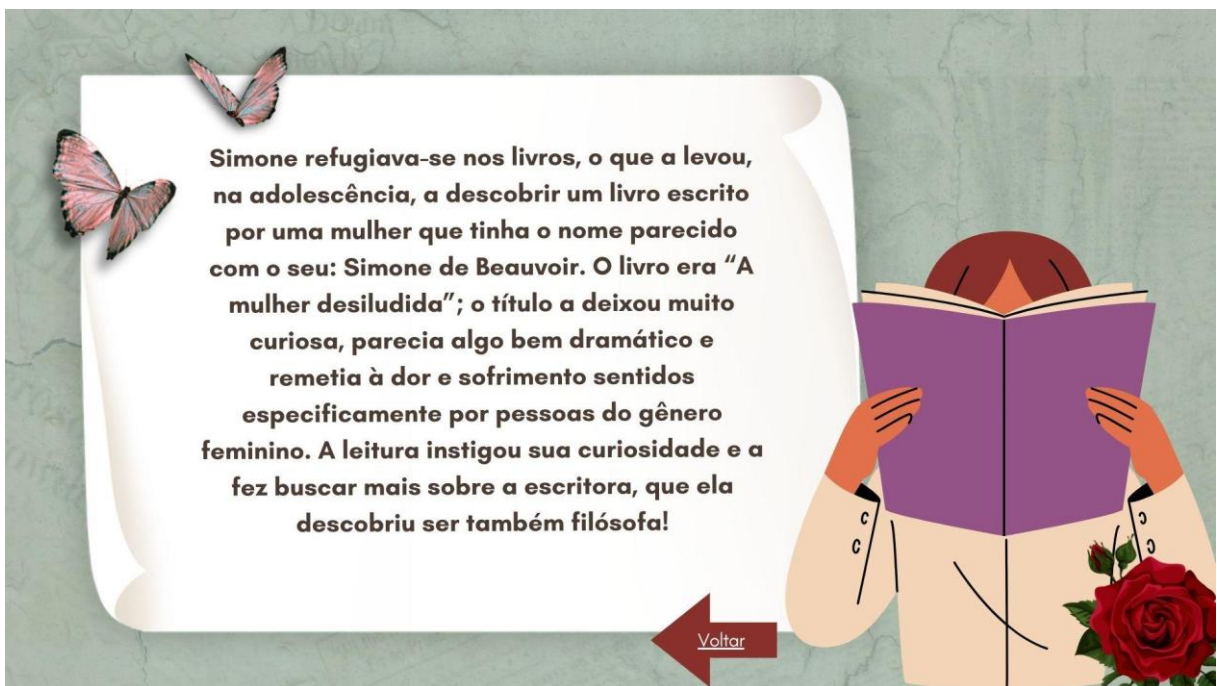
Parece evidente que mulheres sejam mulheres e que homens sejam homens, porém o que Simone percebia em sua experiência de vida, era que a ela eram impostas normas de comportamento e até sonhos e aspirações diferentes das dos meninos. Percebia também que ela era o "outro" na relação ambígua entre homens e mulheres.



O que se espera de uma mulher?

A menstruação é um tabu; querer e exercer profissões "masculinas" também, dentre vários outros exemplos. Pensar que a pessoa "se torna mulher", nos leva a crer que a sociedade impõe a um gênero esses modos de comportamento e pensamento. Por quem foi idealizada esse tipo de sociedade? Por qual razão as coisas devem ser assim?





Para compreender as razões pelas quais as mulheres são educadas e tratadas de determinadas formas, Simone percebeu que a filósofa usava alguns termos para interpretar a realidade. Para isso, usava a ideia de **alteridade**, **situação** e de **experiência vivida**. Essas ideias pareceram bem fáceis para Simone assimilar, pois era simples de percebê-las em sua própria vivência.

Alteridade diz respeito à relação do um com o outro, em que se pese que, nessa relação, o homem é tido como o um, ou como alguém de maior importância. **Experiência vivida** se refere às experiências vivenciadas pelas pessoas em suas condições e/ou situações específicas. Por exemplo, as vivências de mulheres são diferentes das dos homens; as vivências de mulheres negras são diferentes das de mulheres brancas, e assim por diante. Essas vivências colocam a mulher em **situação** de alteridade, e de perda da subjetividade em relação ao homem.




Todo este processo auxiliou Simone a se conhecer e entender que os processos pelos quais passa, são diferentes dos enfrentados pelos homens. Ao mesmo tempo que isso causa uma certa angústia, também nos mostra que é possível ir na contramão do que a sociedade espera e exige das mulheres. Simone descobre o feminismo, não apenas como um movimento que busca a emancipação das mulheres, mas como uma filosofia que busca descrever conceitualmente as situações por elas vividas.



Esse conhecimento e consciência de si e de seu "lugar no mundo" empodera meninas e mulheres, dando motivação para não desistirem de seguir seus sonhos e lutar por seus objetivos, ainda que esses sonhos pareçam "masculinos" ou algo que mulheres não podem ou devem fazer.

Conheceremos, a seguir, algumas mulheres que romperam com os padrões e estereótipos do "ser mulher".



Mulheres que foram além dos estereótipos



Lélia Gonzalez

Escritora, professora, antropóloga e ativista brasileira, é referência nos estudos sobre gênero, raça e classe no Brasil.



Sueli Carneiro

Filósofa, escritora e ativista do movimento negro brasileiro. Considerada uma das principais autoras do feminismo negro no Brasil.



Fernanda Lira

Musicista, baixista e cantora brasileira. Também é engajada em pautas como veganismo e proteção dos animais.



Adélia Sampaio

Cineasta brasileira, foi a primeira mulher negra a dirigir um longa metragem no Brasil.

[Voltar](#)

Referências

Beauvoir, Simone de. *A mulher desiludida*. Trad. Helena Silveira, Maryan A. Bom Barbosa. [Ed. especial]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

_____. *O Segundo sexo vol. 1: Fatos e mitos*. Tradução Sérgio Milliet. - 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

_____. *O Segundo sexo vol. 2: A experiência vivida*. Tradução Sérgio Milliet. - 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

Jenainati, Cathia. *Feminismo: um guia gráfico*. Ilustrações de Judy Groves, Jem Milton; tradução de Beatriz Medina. Rio de Janeiro: Sextante, 2020.

Souza, Thana Mara de. *Feminismo e existencialismo*. Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na filosofia, V. 7, N. 2, 2021, p. 15-27.

Candiani, Heci Regina. *A tessitura da situação: a trama das opressões na obra de Simone de Beauvoir*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas. Instituto de filosofia e ciências humanas, p. 190. 2018.

[Voltar](#)